

# Sobre a Vaidade

Montaigne

Prefácio de André Comte-Sponville



100  
618  
k 2

Martins Fontes

KFD  
M2G1 &

Série: 12619 de 2.  
cod: 2207

# **SOBRE A VAIDADE**

## *Montaigne*

Prefácio  
**ANDRÉ COMTE-SPONVILLE**

Tradução  
**WONI CASTILHO BENLIEFF**

**Martins Fontes**

São Paulo, 1995



## *Índice*

<i>Prefácio</i> .....	V
<i>Cronologia</i> .....	XV
SOBRE A VALIDADE .....	I

## ***Prefácio***

Evidentemente, o melhor é ler os *Essays* por inteiro. Mas é uma leitura difícil, às vezes árdua, e de longo fôlego para nossos tempos de impaciência. . . Aliás, não é imprescindível começar pelo livro I, que é o menos original, o menos pessoal, o menos profundo, e no qual o leitor contemporâneo poderá ver apenas um catálogo, muitas vezes tedioso, de anedotas ou citações... O próprio exemplo de Montaigne deve deixar-nos à vontade: ele mesmo, que foi grande leitor, não se achava obrigado a seguir um autor da primeira à última página, e preferia folhear os livros ao acaso, *sem ordem nem desígnio, em pedaços descentulados*. . . Por que não fazíamos o mesmo com ele? Ser-lhe respeitoso em densidade é ser-lhe infiel, e ele seria o primeiro a incentivar em nós uma familiaridade mais espontânea.

Contudo, não é autor que se preste a fragmentos escolhidos: nele há uma continuidade de pensamento, mesmo com solavancos, que dificilmente suporta cortes, e ele mesmo viu perfeitamente que seus primeiros capítulos, curtos demais, interrompiam e dissolviam a atenção, como diz, antes mesmo de ela nascer. Sua composição, caprichosa, tem um encanto inimitável, por

de muito bem definido: "Apresento o ensinamento político, com saltos e cubriolas. Como diz Platão: é uma arte leve, colível, demoníaca: listo é, dicalal. Meu estilo é meu espírito vão: assim vagabundecendo... Romper-lhe o fio seria empobrecê-lo. O melhor, então, será tomar um capítulo nele mergulhar, nele perder-se talvez, e avançar. Mas que capítulo? Aos amigos que queriam iniciá-lo em Montaigne sempre aconselli ler primeiro – visto que cumpre começar – o capítulo 9 do livro III. A iniciativa hoje tomada pelas edições Rivages, de publicá-lo a parte, pareceu-me, pois, muito feliz e capaz de angariar para Montaigne, que já tem tantos leitores, mais alguns talvez. Este pequeno livro não tem outra ambição, mas essa já basta para justificá-lo.

Esse capítulo 9, como notava Villey<sup>1</sup>, tem uma importância excepcional: ele "domina todo o terceiro livro", que domina os *Essaios*. Como Montaigne domina – ao lado de alguns outros – a literatura francesa, não há risco em afirmar que estamos diante de um texto maior. Uma obra-prima: é dizer pouco e ao mesmo tempo demais, esse texto, um dos mais belos que temos, um dos mais verdadeiros, é também o menos pretensoso, o menos pontificante, o menos artificial de todos. Se é uma obra-prima, como de fato é, isso se deve em parte ao acaso, ou melhor, a essa necessidade imprevisível a que hoje damos o nome de gênio e que outra coisa não é, em se tratando de Montaigne, sendo o próprio Montaigne, com seu gosto extremo pela verdade, com o desprezo pelo artifício e

1. Em sua edição dos *Essais*, 1921, tomo IV, 1978, p. 291.

com a liberdade sem igual em atitude e tom. Sim: o gênio de Montaigne é Montaigne, e isso, que talvez seja o essencial de sua mensagem, torna-o, parece-me, mais próxima de nós e mais franco que qualquer outro dos grandes escritores que ele admirava ou que aqueles, mais numerosos ainda, que o admiraram. Todos conhecem as belas palavras de Nietzsche: "O fato de tal homem ter escrito realmente aumenta o prazer de viver nesta terra!" Como é verdade isso, e como é raro, e como é preciso!

Nesse ensaio, pois, chama-se *Sobre a vaidade*. Não se deve esperar um tratado seguindo as formas habituais que analise ou discuta essa noção. Somos tentados a dizer que nele se fala de tudo, até — mas não só nem sobretudo — da vaidade... Montaigne exclama-se: "*Os nomes de meus capítulos nem sempre abarcam a matéria de que tratam*", e especialmente no livro III seria possível multiplicar os exemplos (III-5, III-6, III-11...). Em se tratando do capítulo 9, porém, não é absolutamente certo que o título não convenha, apesar de tudo, em termos de profundidade. É verdade que só se fala em vaidade quatro ou cinco vezes, sempre com brevidade, muito menos, por exemplo, que de morte, de viagens ou das desgraças do tempo... Mas é preciso relei-lo seu começo. Logo depois do título, Montaigne começa: "*Talvez não haja vaidade mais clara do que sobre ela escrever de maneira tão vã*." Esse é um modo de nos advertir que o discurso será adequado a seu objeto, mesmo quando — e talvez principalmente quando — ele der a impressão de tê-lo esquecido. Falar de vaidade com excessiva senectude seria confundir as coisas ou deixar-se confundir. E na evocação da Bi-

blia: "O que a divindade tão divinamente exprimita..." trata-se evidentemente do famoso versículo de Eclesiastes: *Vaidade das vaidades, tudo é vaidade...* "Mas, se tudo é vaidade, pode-se falar de tudo o tempo todo estando-se a falar dela, e é isso o que faz Montaigne nesse capítulo e, em certo sentido, em todos os outros. Vaidade da literatura (*escrever é bobagem*!), vaidade das leis e das revoluções, vaidade das viagens e da morte, vaidade mesmo da sabedoria e de todos os discursos sobre a vaidade... Montaigne é nosso Eclesiastes até certo ponto, salvo pelo fato de não desistir a vida, pelo contrário, e de suportar, sem esquivar-se, a visão do nada que nos faz viver e que nós somos. Nosso Eclesiastes, portanto, e do mesmo tempo seu remédio. Quem, como Montaigne, quer olhar-se com atenção só vê "miséria e vaidade", e certo, mas isso é melhor do que aí nada ver: a lucidez nos liberta pelo menos de nossas ilusões sobre nós mesmos - estamos *"cheios de inutilidade e futilidade"* - e deixa-nos na melhor disposição possível em face da vida, que é a de nada esperar dela e de gostar dela, portanto, do modo como ela vem. "Acio brevo nada além de passar", escreve ele, e nisso tem certeza de que será bem-sucedido. Dízão que é um objetivo sem grandeza, e isso às vezes é o que Montaigne parece confessar: *"Contento-me em usufruir o mundo sem muito ardor, em viver uma vida tão somente desculpável, a que só não peso para mim nem para outros."* É um objetivo - responderia eu de bom grado - tão válido quanto outros e que, pelo menos, não impede a massicres.

Mas a verdade é que não se trata de um objetivo. Quando escreve essas linhas, Montaigne não tem mais

idade, nem gosto, para *grandes esperanças*, como diz, e pouco lhe importa dar lições. Engar-se quem queira ver nele um moralista, ele não diz o que é preciso fazer, mas o que se faz, não o bom mas o real, não a sabedoria mas a vida. E aí está no que ele é filósofo, diga ele o que disser por vezes, e sábio a seu modo, e mais filósofo que nossos sofistas, e mais sábio que os sábios – e os honve – que levaram a sabedoria demasiadamente a sério para perceberem, e aí vamos nós de novo, a sua vaidade... Não há objetivo, não há finalidade, ou então eles são todos vãos. *"A vida é a morte de si mesma"*; não vai para parte alguma, passa, simplesmente passa, sem coerência nem progresso. *"É um movimento de bebida, tábaco, vertiginoso, uniforme, ou dos juizes que o ar mancha casualmente (isto é, ao acaso), a seu bel prazer..."* A singularidade de Montaigne é aderir a esse movimento, descrevê-lo, narrá-lo: *"Os outros formam o boment: eu o vejo... Não ensino, conto..."*

Ora, o que tem ele para contar? A tristeza? A angústia? O horror do nada ou de tudo? Ao contrário, e nisso refuta o Eclesiastes e Pascal, a visão clara da vaidade das coisas e do eu liberta o espírito de suas obsessões, e o torna disponível – sem remorsos e quase sem esperanças – para o maravilhoso prazer de viver esta vida passageira e imperfeita, tão vã e – para quem aceite *"servi-la segundo sua vontade"* – tão agradável!

Sabedoria trágica, houve quem dissesse.<sup>2</sup> Pode ser. Porém mais próxima, pelo menos segunda, a imagem

2. Ver Marc Cuvier, *Montaigne et la philosophie*, Editions de Métailié, 1987, p. IV. Le par tragique!

que ele tem, de Demócrito) que de Heráclito: *Demócrito e Heráclito foram dois filósofos: o primeiro, achando-a [a condição humana] só seria em público com semblante gozador e rindo; Heráclito, por ter piedade e compaixão dessa mesma condição nossa, tinha o semblante continuamente triste e os olhos repletos de lágrimas [...]. Aprendo-me mais a primeira disposição [...].* Na verdade, o que ele encontra é a sabedoria epicurista, ou melhor, aquilo que foi de epicurista em toda a sabedoria. *É preciso entender a alegria, mas cercar tanto quanto possível a tristeza.* Pascal, que soube tão bem ler e admirar Montaigne, não lhe perderá essa sabedoria “familiar, ingênua, chistosa, jovial”, que desdela a graça e só inspira nos homens “uma salvação indolente, sem temor e sem arrependimento”... Mas é disso que gostamos nele, do fato de esse “desespero”, como diz ainda Pascal, ser a tal ponto parcial e secreto! Trata-se apenas de ir passando, mas voluptuosamente, e ainda a febrilidade de viver esta nessa passagem indolente e logaz...

É por isso que Montaigne gosta tanto das viagens, imagem da vida, não pelo fato de ir em para algum lugar (o objetivo não é essencial à viagem, e até se viaja melhor quando não se tem nenhum), mas simplesmente pelo fato de *ir* (o mestre de Montaigne é o vento, *“mais sábio que nós”*, explica ele, que não vai a lugar algum, mas que *“gosta de separar e agitar-se”*). Vento vaidade: *“O vento parte para o sul, volta para o norte, dizia o Eclesiastes, gira, gira e vai, e sobre seu trajecto retorna o vento...”* Assim faz Montaigne: *“Se o tempo é frio à direita, vai à esquerda! Deixei algo por trás de mim? Volta: é sempre o meu caminho...”*

Objetam-lhe sua idade: "Nunca voltarei de tão longe: eu sou velho. Que me importa! Não o empreendo, nem para dele voltar, nem para o perfunctório, empreendo-o apenas para me mexer (isto é, me mover), enquanto o movimento me agrada. E peço-o por passar. Meu destino é divisível por todas as partes: não se funda em grandes esperanças: cada jornada constitui seu termo. E a viagem de minha vida é conduzida do mesmo modo..." Verdade da sabedoria, diz o Felesustes, e Montaigne concorda. Mas acrescenta com o vento: sabedoria da vaidade.

O que faço aqui é apenas indicar de passagem um fio condutor que cada um podera seguir ou encontrar a gosto. Esse ensaio é tão diversificado, tão fantásticamente heterogêneo, como ele diz a respeito de Platão, que seríamos levados a sugerir muitos outros. Sobre a morte, sobre a arte de morrer até, nele há páginas que sempre me apertaram a garganta, não de angústia mas de emoção, de pura e fraterna emoção de mortal. Sobre a política, páginas que bem podem valer um Maquiavel; sobre a amizade, o casamento, as milícias, sobre Paris e Roma, sobre a moral, sobre a velhice, sobre a solidão... mil observações de passagem que suscitam mais reflexões que muitos tratados pretensivos. Finalmente, sobre a literatura, sobre os *Estados*, sobre Montaigne, páginas alucinantes de beleza, simplicidade, lucidez. "O gênio absolutamente livre de Montaigne", como dizia ainda Pascal, libera-se aqui por inteiro, e é maravilhoso segui-lo, que digé, acompanhá-lo!

Numa frase sutil, uma confissão surpreendente, Montaigne, tão sociável, tão experimentado em amizades (mas La Boétie morreu; algo se rompeu e aí Mon-

taigne talvez tenha nascido). Verifica-se que em todas as suas viagens teve ao lado não só para Paris, várias vezes, mas também para a Suíça, a Alemanha, a Itália – faltou-lhe um companheiro que o amasse e compreendesse, com o qual pudesse compartilhar pensamentos, descobertas e admirações... Solidão de Montaigne. É também essa a razão de ele escrever como quem lança uma garrafa ao mar, para tocar "algum brenco de bem" antes de morrer, explica ele, e assim, quem sabe, ganhar um amigo... Que eu saiba, isso não aconteceu. Os amigos de Montaigne, inúmeros, são de fato seus leitores, alguns dos quais famosos (Shakespeare, Goethe, Stendhal, Nietzsche, Gide, Alain, Stefan Zweig...), outros obscuros, mas todos, de algum modo, amigos pós-umtos. Não estou certo de que esta última expressão seja contraditória, mas Montaigne por certo é uma das raríssimas pessoas capazes de lhe dar conteúdo. Não tanto por ter escrito que *cabe-nos cultivar os mortos*, quanto por nos dar a mesma coisa que teria dado a esse amigo, e que encontramos – infelizmente raras vezes! – nos nossos, que é a sinceridade sem máscara, a solidão compartilhada, a intimidade, a simplicidade que não mente... É constatado que a esse amigo que invoca em desejo está dando, por meio de seus *Essais*, "muito chão palmilhado". "Tudo o que um longo conhecimento e grande familiaridade poderiam lhe proporcionar em vários anos, ele pô em três dias neste registro, e com mais segurança e exatidão." É acrescentado: "Engraçada fantasia: tantas coisas que eu não gostaria de dizer a ninguém, digo-as ao poro, e sobre meus mais secretos conhecimentos ou pensamentos repetto a uma loja de livreiro meus amigos mais íntimos..." Milagre da literatura, quando é verdadeira. Mila-

que dos *Essaios*. Onde um homem se entrega, se não por inteiro (Montaigne não ignora o poder nem as conveniências), pelo menos sem fingimento, sem afecção, com o desdobramento subentendido de quem só procura ser veraz — ou melhor, não pratica, é, e é isso que ele chama de ingenuidade sua — que é uma espécie de nudez da alma, mais combatida que a dos corpos, mais difícil, e que só Montaigne, parece, sabe praticar brincando...

Outros autores me impressionaram; alguns até mais do que Montaigne, mas nenhum me seduziu tanto, nenhum me pareceu tão próximo, tão familiar, tão simpático (a palavra é feia, mas a coisa não), tão justo, tão fraternal e amigo. É o mestre dos mestres, porém muita coisa mais. Ele, que queria fazer da amizade uma arte, a que a morte ou o destino impediram, fez da arte uma espécie de nova existência da amizade, tão preciosa quanto a outras, tão rara quanto a outra, mas simplesmente, contra a morte ou o tempo, um pouco — só um pouco — menos frágil. Tolstói, ao partir para morrer, levou consigo os *Essaios*. Não se pode imaginá-lo levando consigo *Memórias do além-túmulo* ou *Crítica da razão pura*, grandes livros, mas que precisam de um futuro, e que são remetidos pela proximidade da morte a um futuro derrisório. Montaigne, que mantinha facilmente "confidências com o morrer", não precisa de nada e agrada ainda mais quando o futuro se falta. Por isso ele é de todos os tempos e, em especial, do nosso.

Insulso e trivial! Montaigne! Tantas vezes grave, já-mais-sério, tantas vezes ligeiro, já-mais-derrisório... Encontrou, para dizer a vida — a vida bem mais que a morte! — as palavras necessárias, simples e verdadei-

ras, que nos legou como uma nova maneira de habitar o silêncio ou de compartilhar a solidão. Ele, que não se quis nem sábio nem fazedor de livros, apesar disso reconciliou — como talvez nunca antes ou depois dele — filosofia e literatura, colocando-as em seu lugar, que não é o primeiro deste livro sobre a vaidade (talá também da vaidade dos livros), mas que está numa altura tal que ninguém superou e que poucos, desde então, atingiram. Mas de que servem as comparações? Montaigne basta-se, e basta lê-lo.

Uma última palavra, antes de lhe passar a palavra. Penso no leitor que vai descobri-lo, no jovem que talvez tudo ignore dele, fora estes poucos fragmentos que atrevo-me. Fico impaciente por ele, mas também um pouco preocupado. Não irá ele se cansar, deixar-se vencer por essa língua, maravilhosamente saborosa, é verdade, mas por vezes ácida, por esse pensamento tão sutil e móvel... Será isso o suficiente? Não sei. No belo livro que dedico a Montaigne, Stefan Zweig observava que "para reconhecer seu verdadeiro valor não se deve ser jovem demais, virgem demais de experiências e decepções". Acho que isso é verdade, o que explica minha preocupação e estes prolegômenos. Mas sei também que experiências e decepções logo chegam, e por isso não fico demasiado apreensivo: o tempo trabalha a favor de Montaigne, e as decepções nos conduzem a ele, que não decepciona.

Coragem, leitor, e bons ventos o conduzam!

André COMTE-SPONVILLE

.....  
 5. *Montaigne*, t. III, Paris, PUF, 1962 (Coll. 1000-pages critiques).

## *Cronologia*

1533. 28 de fevereiro. Nascimento de Michel no castelo de Montaigne. Ele abandonará o sobrenome patronímico Éyquem, conservando apenas o da propriedade.
- 1538:39-46. Estuda no collegio de Guyenne em Bordeaux.
1551. É conselheiro na Cour des Aides\* de Périgueux.
1557. dezembro. Ingressa no Parlamento de Bordeaux, ao qual foi incorporada a Cour des Aides de Périgueux.
- 1558-59. Contato com Étienne de La Boétie, seu colega no Parlamento. Estabelece com ele uma estreita amizade que exercerá uma grande influência sobre seu pensamento e sua vida.
1559. Montaigne vai a Paris e acompanha o rei Francisco II.
- 1561-62. Nova viagem à Corte.
1562. 12 de junho. Montaigne presta juramento de fidelidade à religião católica para poder ocupar sua cadeira no Parlamento de Paris.

\* Corte que julgava processos relativos às taxas e aos impostos do Angoumois (N. do T.).

1565. 23 de setembro. Casamento de Montaigne com Françoise de la Chassaigne, que pertencera a uma família de burgueses ricos e de parlamentares de Bordeaux.
1568. julho. Morte de Pierre Eycueta de Montaigne, pai de Michel; ele herdou o sobrenome e a propriedade.
1569. Montaigne publica a tradução da *Theologia Natural*, de Sebem.
1570. 24 de julho. Cede seu cargo de Conselheiro no Parlamento.
- 1570-71. Via a Paris e publica os opúsculos de La Boétie, precedidos de dedicatórias suas.
1572. 73 (cerca de?). Começa a escrever sua obra.
1576. fevereiro. Montaigne manda curtar uma medallha com sua efígie, na qual se lê seu lema: "Que seu eu?".
- 1577-80. Os ensaios II XVI XXXVI parecem ter sido compostos durante este período.
- 1579, início de 1580. Composição dos ensaios I XXVI, I XXXI, II VI; II X, ao menos uma parte de II XVII; II XXXVII.
- 1580-81. Viagem de Montaigne à Europa central e Itália.
1581. 12 de agosto. Montaigne é eleito prefeito de Bordeaux por dois anos.
1582. Segunda edição dos dois primeiros livros de *Essaios*.
1583. 12 de agosto. Montaigne é reeleito prefeito de Bordeaux.
1588. 10 de julho. Em Paris, Montaigne é preso na Bastilha pelos partidários da Liga. Na mesma noite, a pedido da rainha-mãe, ele é solto.
1592. 13 de setembro. Morte de Montaigne.

***SOBRE A VAIDADE***

*Ensaio, Livro III, capítulo 9*



7 Talvez não haja verdade mais clara do que sobre  
ela escrever de maneira tão vã. O que a divindade tão  
divinamente exprimiu<sup>7</sup> deveria ser cuidadoso e conti-  
nuamente meditado pelas pessoas de entendimento.

Quem não vê que tomei um caminho pelo qual,  
sem fim e sem trabalho, irei enquanto houver trinta e  
papel no mundo? Não posso fazer registro de minha  
vida por meio de minhas ações: a fortuna<sup>8</sup> as põe bai-  
xas demais: faço-o por meio de minhas fantasias. Co-  
nheci um fidalgo que só comunicava sua vida por meio  
das operações de seu ventre: em sua casa verreis, à  
mostra, uma ordem de buciats de sete ou oito dias: era  
seu estudo, seus discursos: qualquer outra proposição  
lhe fedia. Aqui estão, um pouco mais civilmente, ex-  
crementos dum velho espírito, ora duro, ora frouxo, e  
sempre indigesto. E quando me cansarei de represen-

.....

<sup>7</sup> Ver *supra*, Prefácio, p. V.

<sup>8</sup> "Fortuna" é um conceito filosófico presente em outros autores  
do século XVII, XVI e XVII, como Pascal e Maquiavel e que nos remete  
a idéia do que é insuperável no passado e no mundo presente, a des-  
tinação inevitável ("sobre o azar" (1650) "Compendium", O. Œ. de R. T.)

na a continua agitação e mutação de novos pensamentos, seja qual for a matéria em que incidam, se Diomedes encheu seis mil livros falando apenas de gramática? O que não produzirá a tagarelice, se o balbuciar e o desatar-se da língua sufocou o mundo com tão horrível carga de volumes? Tantas palavras apenas para palavras! O Filógoras, quanto conjunste essa tempestade?

Acusata-se um Galba do tempo passado de viver ociosamente: ele respondeu que cada um devia dar satisfação de seu agir, e não de sua estada. Enganava-se, pens a justiça tanta o conhecimento e reprava também os que fúgam.

Mas deveria haver alguma coerção das leis contra os escritores ineptos e inúteis, como há contra os vagabundos e vadios. Pelas mãos de nosso povo seriam banidos eu e mais cem outros. Não é toça. A escrevinhação parece ser algum sintoma dum século dissoluto. Quando escrevemos nós tanto quanto desde que temos transtornos? Quando os leitamos tanto quanto durante a ruína? Outrossim não sendo a purificação dos espiritos o mesmo que prudência em sociedade, essa ocupação ociosa provém de que cada um está frouxamente preso aos deveres de seus cargos, e assim écles se exime.

A corrupção do século é feita da contribuição pessoal de cada um de nós: uns lhe conferem a traicão, outros a injustiça, a meligião, a tirania, a avareza, a crueldade, se forem mais poderosos; os mais fracos confe-

\* \* \* \*

2 Filógoras impunha em silêncio de variação a seus discipulos

rem-lhe a fúria, a vaidade, a exortividade, e entre estes estou eu. Parece que o tempo das coisas boas é aquele em que o que é nocivo nos pressiona. Num tempo em que o obrar maldosamente é tão comum, só obrar inutilmente chega a ser louvável. Consola-me ser dos últimos sobre os quais cumpria deixar a mão. E enquanto estiverem provendo aos meus parentes, cuidarei de emendar-me. Pois me pareceu que seria contrario a razão perseguir os inconvenientes antigos, quando nos infestam os grandes. E disse o médico Filotimo a alguém que lhe apresentava o dedo para um curativo, em quem ele reconheceu, pelo semblante e pelo hábito, uma ulcera pulmonar. Meu amigo, não é hora de te divertires com tuas unhas.

No entanto, soube, há alguns anos, que uma pessoa cuja memória tenho em alta consideração, em meio a passões grandes males, porquanto não havia lei nem justiça, nem magistrado que comprasse seu mister, tanto quanto no presente, foi publicar não sei que mesquinhas reflexões sobre vestuário, cozinha e rabulice. São reações com que alimentam um povo maltratado, para dizerem que ele não foi de todo esquecido. Fazem o mesmo aqueles que se detêm a proibir, a todo instante, formas de falar, danças e jogos, para um povo arruinado por toda espécie de vícios execráveis. Não é hora de lavar-nos e limpar-nos quando nos afeta uma boa febre. Só os Espartanos punham-se a pentear-se e enfeitar-se os cabelos quando estavam a ponto de se lançarem a algum risco extremo de vida.

Quanto a mim, tenho outro costume pior, que se tenho um escafrim troçado, deixo também de revê-la a causa e a cura; não faço caso de emendar-me pela

metade. Quando estou em má situação, agarro-me ao mal; entrego-me por desespero e deixo-me ir para a queda e jogo, como se diz, o cabo atrás do machado: obstino-me na piora e não mais me julgo digno de meus cuidados, ou tudo bem ou tudo mal.

É um favor que a desolação deste Estado conhecida com a desolação de minha idade, suportou mais facilmente que meus males sejam assim agravados do que se meus bens tivessem sido antes prejudicados. As palavras que dirijo a desliza são de despeito, muita coragem se aleva em lugar de se rebaixar. E, ao revés dos outros, vejo-me mais devoto na boa que na má fortuna, seguindo o preceito de Xenofonte, se não seus motivos, e volto aos céus olhos mais doces para agradecer-lhe do que para suplicar-lhe. Cuido mais de aumentar a saúde quando ela me surti do que em restabelece-la depois que a perdi. As prosperidades me servem de disciplina e instrução, como aos outros as adversidades e os castigos. Como se a boa fortuna fosse incompatível com a boa consciência, os homens só se tornam gente de bem na má fortuna. A felicidade é para mim singular agulhão para a moderação e a modéstia. A súplica me conquista, a ameaça me enfada; o favor me dolna, o medo me entesta.

Dentre as condições humanas esta é bastante comum, a de nos agradarem mais as coisas alheias que as nossas e de gostarmos do movimento e da mudança.

Ensa dies ileo nos grato perlat haustu  
Quosl permutaus hora recurrit equis \*

---

3. A própria luz do dia só nos dá uma sensação agradável porque as horas retornam em novos contextos. (Petroneo, *Eniquentis*, 678)

Assim são em também. Os que seguem o outro extremo, de se agradecerem de si mesmos, de julgarem o que têm superior ao resto e de não reconhecerem nenhuma forma mais bela que a que estão vendo, se não são mais avulsos que nós, são na verdade mais felizes. Não lhes falta a sabedoria, incedo lhes, sim, a sua boa fortuna.

Esse humor ávido de coisas novas e desconhecidas ajuda a nutrir em mim o desejo de viajar, mas muitas outras circunstâncias para isso concorrem. Esquivo-me de bom grado do governo de minha casa. Não alguma comodidade em dar ordens, nem que seja numa granja, e em ser obedecido pelos seus, mas esse é um prazer demasiado uniforme e débil. E ademais está necessariamente perturbado a várias preocupações desagradáveis: ora sou afligido pela indigência e a opressão do povo, ora pelo hùgio entre vizinhos, ora pela usurpação destes sobre vós.

*Aut verberatæ grandine cœcæ,  
Furdisque micadas, arsit me arq ue  
Culparie, mure forentia agros  
Sislera, nure hyemes iniquas,*

e por apenas seis meses Deus enviará uma estação que contentará plenamente vossa rebochada; e que ela, em servindo às vinhas, não prejudique os pastos:

...  
- É o grampo que ceava as vinhas, a terra e organiza as árvores ora arusati a chuva. Era o céu que quebra os campos ora o inverno que é aforaça, (Cân. II, l. 29.)

Aur auribus lotet terribilibus acetharibus sol.  
 Aut subito permittunt arbores, gelidatque periculis  
 Flabeaque ventorum violento nubant vexant.<sup>5</sup>

Junta-se a isso o sapato novo e bem ataiçando de daquele homem dos tempos passados, que vos machuca o pé, e o estranho não entende quanto vos custa nem quanto pagas para manter a aparência dessa ordem que se vê em vossa família, e que talvez compreis por preço altíssimo.

Dei-me tarde à administração doméstica. Aquelas que a natureza trouxera à vida antes de mim dela me desobrigaram por muito tempo. Eu já havia assumido outros pendores, mais de acordo com meu fetiche. Todavia, pelo que vi, e uma ocupação mais impedida e que difícil quem tiver capacidade para outra coisa terá facilmente para essa. Se estivesse à procura de enriquecer, esse caminho me pareceria longo demais: teria servido aos reis, que é tráfico mais fértil que qualquer outro. Como só pretendo adquirir a reputação de nada ter adquirido, e tampouco dissipado, de conformidade com o resto de minha vida, imprópria a fazer bem e a fazer mal, e como só procuro ir passando, posso fazê-lo, graças a Deus, sem grande atenção. No pior dos casos, corri-se com o corte de despesas adian-

<sup>5</sup> O frio sol ardente queima as orelhas, as chuzas sobras e traa geada as destoaem, em violentos turbilhões de vento as do astuto. (Montaigne, V, 216f)

<sup>6</sup> Ausente a uma anedota de Plutarco (*Vida de Paulo Emílio*, 3). Um romano, a quem censuravam o laio de ter repudiado a mulher jovem e bonita, respondeu: “Vigam este sapato, e novo e bem feito, mas se em setz dias ele machuca.”

te da pobreza. É o que espero fazer, reformando-me antes que a necessidade me force. Não obstante, estabeleci para mim mesmo alguns degraus para contentar-me com menos do que aquilo que tenho, e digo contentar-me com satisfação. *Non destinatione census, terra victa atque culta, terminavit potentia moles.* Minhas necessidades não ocupam todos os meus haveres, com tanta justiça que a sorte não tenha onde me moer sem me deixar em carne viva.

Minha presença, por mais ignorante e desdenhosa que seja, dá grande respaldo a meus negócios domésticos, neles me empenho, mas contraindo. Além disso, tenho em mim que, se queimo o meu lado da vela, o outro lado não se deverá pompar de nada.

As viagens so me aborrecem pelas despesas, que são grandes e superam minhas forças; acostumado que estou a fazê-las com criadagem não somente necessária, mas também decente, devo por isso fazê-las cada vez mais curtas e menos frequentes, nelas empregando apenas sobras e minha reserva, temporizando e retardando segundo a que me chega. Não quero que o prazer do passeio estrague o prazer do repouso; ao contrário, entendo que se nutrem e favorecem mutuamente.

Ajudou-me a fortuna porque, visto ser minha principal ocupação nesta vida viver modestamente e com mais negligência que azáfama, isentou-me ela da necessida-

7. Não é pelo rendimento que se deve calcular a fortuna de alguém, mas por seus hábitos e pelo seu gênero de vida. (Cícero, *Paradoxos*, V, 3.)

de de multiplicar riquezas para prover a uma multidão de herdeiros. Para um só, se não lhe basta aquilo que tão copiosamente me bastou, pior: sua imprudência não merece que eu lhe deseje mais.

É cada um, a exemplo de Fócara, provê de suficiente os filhos, e estes já proverão do suficiente aos pais se a eles se assemelharem. Em nada seria eu do parecer de Gafes. Ele deixou o dinheiro com um banqueiro, sob a condição de que este deveria dá-lo aos seus filhos se eles fossem tolos, se fossem sábios, que o distribuisse aos mais simples do povo. Como se os tolos, por serem menos capazes de viver sem riquezas, fossem mais capazes de usá-las.

Assim é que o prejuízo resultante de minha ausência não me parece merecer, enquanto eu tiver com que o sofrer, que eu recuse aceitar as ocasiões que se apresentam de me subtrair a essa assistência penosa. Há sempre alguma coisa errada. Os negócios, sejam duma casa ou d'outra, nos enforcam. Tudo é visto muito de perto, vossa perspicácia vos faz mal, como faz em muitos outros lugares. Furto-me as ocasiões de me zangar, e esquivou-me de tomar conhecimento das coisas que vão mal; e se tanto não puder fazer, que pelo menos não esteja a topa em casa o tempo todo em encontros que me desgostam. E as marotinhas que mais me escondem são as que melhor conhecem. Occorre que, para causar menos mal, nós mesmos somos obrigados a esconde-las. Vãos desgostos, vão por vezes, porém sempre desgostos. Os impedimentos mais miúdos e delgados são os mais penetrantes e assim como as letras miúdas ofendem e consomem mais os olhos, também os pequenos casos nos pungem mais.

A torção de pequenos males ofende mais que a violência dum só, por maior que seja. Por serem bastos e finos, esses espiraltes domésticos nos mordem com mais agudeza e sem fazer ameaças, surprehendendo-nos facilmente de modo imprevisto.

Não sou filósofo; os males me oprimem segundo o peso que têm, e pesam segundo a forma e segundo a matéria, e muitas vezes mais. Tenho deles mais conhecimento que o vulgo, contudo, tenho mais paciência. Enfim, se não me ferem, magoam-me, é coisa delicada a vida, fácil de inclinar. Uma vez que eu tenha voltado o rosto para o pesar: *namque enim resistit sibi cum coepertit impelli*<sup>8</sup>, e por mais tola que seja a causa que a isso me impelle, excito o humor desse lado, que se realimenta e exaspera com seu próprio movimento; atirando e amontando matéria sobre matéria, de que se nutre.

*Silliculi casus lapidem cavat.*

Essas gotas ordinárias me devoram.

Os inconvenientes ordinários nunca são leves. São contínuos e irreparáveis, mormente quando nascem dos membros da casa, contínuos e inseparáveis.

Quando considero meus negócios de longe e em grosso, acho, talvez por não ter deles memória exata, que até então foram prosperando além de muitas contas e razões. Parece-me que deles retiro mais do que

-----

8. Ninguém consegue escapar à resistência quando começa a ceder.  
Cícero, a. *Epistola* 130.

9. A gota que cava a gota cava a pedra. *Macróbio* 1. 310.

ha; se eu suceso me trai. Mas quando me ponho dentro da lida, e vejo caminharem todas as suas peles,

Tam vero in curas animum ducuntur omnes.<sup>1</sup>

nil coisas me dão motivos de desejos e temor. Abandonai-las de todo e-me facilmente dedicar-me a elas sem penas, dificulto. É lástima estar num lugar onde nada o que se vê assoberta e preocupa. É parece-me que gozo com mais alegria os prazeres duma casa estranha, e que nisso tenho um gosto mais singular. Diógenes respondeu como eu, a quem lhe perguntou que espécie de vinho achava melhor: o albeio.

A meu pai aprazia construir Montaigne, onde nasceu e em toda essa política de que fazeres domésticos gosto de ater-me a seu exemplo e a suas regras, e nelas empenharei meus sucessores no que puder. Se mais pudesse por ele, mais faria. Glorifico-me de que sua vontade se exerça ainda e aja por meu intermédio. Agrade a Deus que eu não deixe fadecor entre minhas mãos nenhuma imagem de vida que eu possa prestar a tão bom pai. Sempre que me pus a arrematar alguma velha parede e a consertar algum mecho de construção mal aplainada, por certo fui mais em sua intenção que para meu contentamento. E actiso minha preguiça se não foi além de terminar os belos começos que ele deixou em sua casa, sobretudo porque tudo indica que serei o seu último proprietário varão e o último a nela pôr as mãos. Pois, quanto à minha aplicação pessoal, nem esse prazer de construir, que dizem

16. Umão nessa alma e dlicenda pelas presenças de Virgílio, *Ecloga*, V, 720.

ser tão amante, nem a casa, nem os ludlins, nem esses outros peizes da vida recalhada conseguem divertir-me muito. É cristo que pouco me satisfaz, assim como quaisquer outras opiniões que me sejam incômodas. Não me precipito tanto tê-las vigorosas e dourtas, mas sim desentrocadas e cômodas para a vida: serão suficientemente ventidouras e sãs se forem úteis e agradáveis.

Os que, ouvindo-me falar de minha insuficiência nas ocupações domésticas, vão-me soprando aos ouvidos que isso é arrogância, e que estou deixando de conhecer os instrumentos da lavoura, suas estações, seu orden, como são fechos meus vinhos, como se enxenta, e de saber o nome e a forma das ervas e dos frutos, bem como o preparo das carnes de que me alimento e o nome e o preço dos tecidos com que me visto, para saber de cor alguma ciência mais elevada, esses me matam. Isso é tolice, e mais estultícia que glória. Gostaria mais de ser bem estudante que bem lógico.

Quin tu aliquid scirem potius quam indige: istis,  
Vanitibus mollique paratis detexere iuncos.\*

Atulhamos nossos pensamentos com o geral e com as causas e condutas universas, que se conduzem muito bem sem nós, e deixamos para trás o que nos convém e Michel<sup>†</sup>, coísta que nos tocara muito mais de per-

\* Il. Por que tanto te interessas com alguma coisa sem? Françar os olhos de juncos molles (Virgílio, *Georgics*, II, 714)

† Referência do texto, a ser jogado na 3ª pessoa. Fábulo Daquien te na época, Montaigne, particularmente, muitas vezes e com frequência estereotipadamente contrasta com os meus. É tempo afirmar que a motivação de que trata a *Idée* (X do R. 1)

to que a honrem. Ora, fico bem em casa no mais das vezes, porém gostaria de comprazer-me n'ela mais que em outros lugares.

Sit meae sedes minima senectae,  
 Sit trechus lasso maris et viarum  
 Alibi quae.<sup>12</sup>

Não sei se conseguirei. Gostaria que, em lugar de alguma outra herança, meu pai me tivesse legado esse apaixonado amor que em seus velhos annos sentia pelo lar. Tinha a grande felicidade de combinar desejos e sorte, e de saber satisfazer-se com o que tinha. De pouco adiantaria a filosofia política apontar a baixeza e a esterilidade de minha occupação, se eu puder pelo menos uma vez sentir o mesmo prazer que ele sentia. É minha opinião que a mais honrosa occupação é servir ao público e ser útil a muitos. *Præclara enim ingenii et virtutis omnique præstantiæ tam maximis accipiunt, cum in proventum quatenus conferunt.*<sup>13</sup> Quanto a mim, renunciei em parte por consciência (pois, sempre que me apercebo do peso de tus cargos, também percebo os poucos meios que tenho de exercê-los, e Platão, mesmo obtendo em qualquer governo politico, não deixou de abster-se deles) e em parte por covardia. Comento-me em usufruir o mundo sem muito ardor, em viver

<sup>12</sup> Puisse eu aqui passar minha velhice, puisse et moi i encontrar o repouso depois de tantas traversas, tantas viagens e tantos combates (Montaigne: *Obras*, II, VI, 1-2)

<sup>13</sup> seguramente mais os frutos do génio, da virtude e da superioridade quando se dividio os commesses proventos (Cicero: *De Amicitia*, 19.)

tua vida tão-souente desculpável, e que só não pose-  
nem para mim nem para ouzém. Nunca ninguém se  
submeteu mais plena e neglignemente aos cuidados  
e ao governo dum tenente do que em me submeteria,  
se tivesse a quem.

Um de meus desejos presentes seria encontrar um  
genro que soubesse cevar comodamente meus velhos  
anos e embalsam-los, entre cujas mãos eu depositasse com  
total soberania a condução e o uso de meus bens, que  
deles fizesse o que faço e ganhasse o que gampo, con-  
tanto que a tal se dedicasse com ânimo realmente reco-  
nhendo e amigo. Qual nada! Vivemos num mundo onde  
se desconhece a lealdade dos próprios filhos.

Quem tem a guarda de minha bolsa em viagem  
tem-na pura e sem vigilância: e mesmo que eu fizesse  
as contas, poderia muito bem enganar-me. E, se não  
for um dardo, obrigado a bem olhar com tão dilatada  
confiança. *Multi fallere docuerunt, dum timent falli, et  
aliis jus precantuli suspicando fecerunt*. A medida de  
segurança mais comum que torço com meus boms  
é o desconhecimento. Só presumo os vícios depois de  
os ver, e confio mais nos jovens, que considero meus  
estragados pelo meu exemplo.

Prefero ouvir, ao cabo de dois meses, que gastei  
quatrocentos escudos, a ter as orelhas marteladas to-  
das as noites com três, cinco, sete escudos. Nem por is-  
so fui mais atingido que qualquer outra pessoa por  
essa espécie de furto.

11. Muita ensinança a enganar por meio de sem enganados,  
e, com suas suspeitas, justificar a máe dos crimes. *Episto-  
las*, 31.

É verdade que minha ignorância é proposital: estou cónscio de que alimento de algum modo a obscuridade e a incerteza sobre o conhecimento de meu dinheiro: até certo ponto fico contente por poder divertir-me dele. É preciso deixar um pouco de espaço à deslealdade ou à imprudência do lucro. Se de modo geral nos sobra o suficiente para causar boa impressão, devemos um pouco mais à sua própria menção esse excesso de liberalidade da sorte: é a parte do respigador. Afinal, não prezo tanto a lealdade de meus homens quanto desprezo seu perfídio. O vil e tolo estudo é esse de estudar o próprio dinheiro, comprazer-se em manipulá-lo, pesá-lo e recotá-lo. É por aí que começa o assédio da avareza.

Durante os dezoto anos em que administro bens não consegui impor-me o dever de examinar nem títulos nem meus principais negócios, que necessariamente precisam passar por meu conhecimento e muita atenção. Não é desprezo filosófico pelas coisas transi-tórias e mundanas: não tenho gosto tão apurado, e prezo as ao menos pelo que valem, mas decerto é por preguiça e negligência inescusáveis e pueras. O que não pretenderia fazer a ter de ler um contrato, a andar sacudindo a papelada porventura, servo de meus negócios? Ou, o que é pior, da negócios dos outros, como fazem tantos, a preço de dinheiro? Nada me é mais custoso que os cuidados e o sofrimento, e só procuro desleixar e relaxar.

Acredito que seria mais apto a viver da fortuna de outrem, se isso fosse possível sem obrigações nem servidão. E, examinando de perto, não sei se talvez por temperamento e por muita condição, o que me cabe

agüentar dos negócios, dos serviços e dos cuidados não é mais abjeto, importuno e acerbio do que pertencer ao séquito de alguém que, sendo mais que eu por nascimento, me guiasse um pouco segundo a minha vontade. *Sevitus otidientia est fracti animi e abjecto arbitrio vacantis stultus*. Crates faz pior, ao entregar-se a liberdade da pobreza para desfazê-se das indignidades e dos cuidados da casa. Isso eu não farei, todavia a pobreza tanto quanto a dor, mas trocá-la, sim, esta espécie de vida por outra menos herida e atarefada.

Ausente, despojo-me de todos esses pensamentos, e sentiria menos o esboriar-se dumia torre do que, estando presente, sinto a queda dumia ardôsa. De longe, minha alma desceada se facilmente, mas de perto ela sofre como a de um vilateiro. Um arreo atavesado em meu cavalo, um loro de estulto que tique batendo em minha perna me deixariam preocupado um dia inteiro. Sou capaz de eleva meu ânimo o suficiente para afastá-lo dos inconvenientes, os olhos, não consigo.

#### Sensus, o superi, sensus

Em casa, respondo por tudo o que vai mal. Poucos seniores — e falo dos de condição mediana, como é a minha, e, em acontecendo isso, são mais felizes — podem apoiar-se tanto num subaberto que se eximam, de boa parte da carga. Isso por certo tolhe de

17. A servidão a supor que a alma débil e abjeta, que carece de arbitrio próprio, é feita. *Paradoxa*, V, 10.

18. Os seniores? Os deuses, os seniores?

alguma coisa minha contestar, no tratamento das pessoas que me visitam (e se porventura tive alguma coisa mais por minha cozinha que por outra graça, como fazem os enfiadonhiss) e tolhe muito do prazer que em casa me deveria dar a visitação e a reunião de meus amigos. A mais ridícula atitude dum homem em sua casa é ser visto a enredar-se na marcha de sua administração, a falar no misticismo de um laico, a ameaçar outro com o olhar, tudo deve fluir insensivelmente e parecer um curso normal. Falo em favor dos hóspedes e falo do tratamento que Eles dispensam, seja para escusá-los, seja para galá-los. Agradam-me a ordem e a limpeza.

et caetera et lux  
ostendunt mihi me<sup>17</sup>.

mesmo à custa da abundância; em casa tenho-me com rigor à necessidade e pouco à ostentação. Se em casa alheia um laico briga ou um prato cai, a única coisa que fazis é rifá-los dentro o duto da casa organiza com o despenseiro as coizas para vos servir no dia seguinte.

Falo por mim, não deixando de avaliar, em geral, o agradável entretenimento que certas naturas encontram numa administração tranquila, próspera, conduzida segundo regras bem organizadas, sem querer atribuir à coisa meus próprios erros e inconvenientes; temposio desejo contradizer Pláto, para quem a mais

...

<sup>17</sup> Faltava e os pratos cozinhava me minha, talvez a minha. O texto, *epistola* 1, V, 25.

feliz occupação de cada um e entregar-se a seus próprios afazeres sem injustiça.

Quando viajo, só preciso pensar em mim e no emprego de meu dinheiro, o que se guia por preceito único. Para julgar o dinheiro são muitas as partes necessárias e eu nada entendo disso. De gastos e de um gastos entendo um pouco, e esse na verdade é o principal uso do dinheiro. Mas dos gastos ou espíritos resultados demasiado ambiciosos, o que torna muitas despesas desiguais e desconformes, e ademais incoherentes por um ou noutro aspecto. Quando surgem e me servem de reserva levam suas reservas, como me fecho também sem reservas se não bullham e não me agradam.

Seja o que for, artificial ou natureza, isso que nos impune a condição de viver da comparação com outros, faz-nos muito mais mal que bem. Privamo-nos daquilo que nos é útil para atender às aparências e à opinião dos outros. Não nos importa tanto saber o que é nosso ser em si e em efeito quanto saber o que é de para o reconhecimento público. As próprias riquezas do espirito e a sabedoria nos parecerão infinitas se só forem desfrutadas por nos, se não forem produzidas para a vista e a aprovação alheia. Ha aqueles cujo ouro escorre aos horrobões por lugares subterrâneos, imperceptivelmente; outros o expõem em lâminas e folhas, se, para uns, testões valem escudos, para outros é o contrário, e o mundo estima o emprego e o valor apenas segundo o que se vê. Todo zelo excessivo em torno das riquezas recende avariza; o mesmo se pode dizer de sua prodigalização e da liberalidade ordenada e artificial demais; as riquezas não valem as penas da atenção e da solicitude extremas. Quem quer gastar com justiça, gasta com estreiteza e constrangi-

mento). Guardar ou gastar são em si coisas indiferentes, e só adquirem coloração de bem ou de mal segundo a aplicação de nossa vontade.

Outra causa que me incita a essas viagens é o casamento com os costumes presentes de nosso Estado. Eu me conformaria facilmente com essa corrupção no que diz respeito ao interesse público.

penitente, vete-la tem  
 Tempus est, quo ex seclen non inveni ipsa  
 Nomen, et nullo posuit catura metallo;<sup>18</sup>

mas no que diz respeito ao meu, não. Nesse particular, é grande minha preocupação. Pois nesta sociedade, devido ao longo desregramento das guerras civis, envelheci em uma forma de Estado não dissoluta.

Quippe ubi fas versum atque nefas,<sup>19</sup>

que na verdade causa espanto que ele ainda se mantenha.

Armati tenam exercent, semperque recentes  
 Convenerunt, uti pueras et vivere rapto;<sup>20</sup>

Enfim, perfeito pelo nosso exemplo que a sociedade dos homens aguente e persevera a qualquer pre-

18. Esses campos planos que os séculos de terra, para estes cultivos não ocorre sequer um nome, e que a natureza não consegue mais designar, no metal algum (Juv. 3,1 XII, 24.)

19. Onde o justo e o injusto se confundem. (Virgílio - *Georgicas*, I, 505.)

20. Trabalho-se a terra agitada, todos se comprazem em viver de rapina, e apanhar coisas belas. (Virgílio - *Georgias*, VII, 7-8.)

co. Seja qual for a base em que os homens são assentados, eles se empilham e arramam, empurrando-se e amontoando-se, assim certos certos corpos mal unidos que metem os seus orçãos no alforje encontram por si mesmos o modo de se unir e se colocar uns entre os outros, muitas vezes melhor do que se disporiam por força da arte. O rei fáhpé jurou um magote dos homens mais maldades e incorrigíveis que conseguiu encontrar e alojou-os todos numa cidade que para isso mandou construir, e que ganhou esse nome<sup>21</sup>. Acreditou que tenham erigido com os próprios vícios uma estrutura política e uma cômmoda e justa sociedade.

O que vejo não é uma acção, ou três, ou cem, mas costumes usados e aceitos que são tão monstruosos por desumanidade, sobretudo, e deslealdade (sendo essa para mim a pior espécie de vício) que não tenho coragem de concebê-los sem horror, e os admiro quanto se tanto quanto os detesto. O exercício dessas maldades insignes contém tanto a marca do vigor e da força da alma quanto a do erro e do desregramento. A necessidade combina os homens e os reúne. Essa costura fortuita constitui-se depois em leis: pois as houve tão atrozes que não poderiam ser concebidas por nenhuma opinião humana, e contudo conservaram em seu corpo tanta saúde e longevidade quanto conseguiriam as de Platão e Aristóteles.

E por certo todas essas descrições de sociedade, fundadas pela arte, são consideradas ridículas e inaptas à prática. Essas dilatações e longas altercações sobre a melhor forma de sociedade e sobre as regras mais convenientes para nos congregar são apropriadas ape-

21. Trata-se da Penempolis, a cidade dos maldades.

nas ao exercício de nosso espírito: assim como se encontram em artes vários assuntos que tem sua essência na agitação e na disputa, fora das quais não tem vida alguma. Tal desercão de sociedade seria valhada num novo mundo, mas lidamos com homens já submetidos e conformados a certos costumes; não os engendramos como Pina ou como Cádmo. Seja qual for o meio que empreguemos a corrigi-los e organizá-los de novo, não poderemos endireitar o vies a que já se ao estabeleceram sem tudo romper. Quando perguntaram a Sólon se ele tinha substituído as melhores leis possíveis para os atenienses, ele respondeu: Sim, entre as que eles teriam aceito. Varrão escusa-se de modo semelhante, se tudo que ele tivesse de escrever sobre religião fosse novo, falaria aquilo em que acredita, mas, sendo ela já aceita e conformada, falará mais segundo o uso que segundo a natureza.

Não é uma questão de opinião, porém de verdade, que a política excelente e a melhor para cada nação é aquela à qual ela está acostumada. Sua forma e sua conveniência essencial estão ligadas aos usos. Desgostamos facilmente a condição presente. Mas afirmo que ficar desejando o comando de homens de baixa condição num Estado popular, ou ficar desejando na monarquia outro espécie de governo, é erro e sandice.

Ayme l'esrat tel que tu o vois estre;  
S'il est royal, ayme a royauté,  
S'il est de peu, ou bien communauté,  
Ayme l'aussi, car Dieu l'y a fait, maître.<sup>22</sup>

.....  
22. Ama o estado tal qual de se o veas, se é da realeza, se é da povoaria, comanda-lo, ama-o tanto que Deus o fez, não te desesqueças do que o Deus de Bibão [1527-1580] *Quarentos* :

O meu bom senhor de Pilbrac, que acalvamos de perder, espírito tão gentil, opiniões tão sãs, costumes tão gentis. Essa perda e a do senhor de Froix, ocorrida na mesma época, são importantes para nossa coroa. Não sei se resta em França quem possa substituir esses dois grandes em sinceridade e suficiência no conselho de nossos reis.

Erão ambos diversamente belos e por certo, neste século, raras e belas, cada uma a seu modo. Mas que, em as ter, acollida nestes tempos, tão desconformes e discordantes eram de nossa corrupção e de nossas agruras?

Nada perturba tanto um Estado quanto a inovação: só a mudança dá forma à injustiça e à tirania. Quando alguma peça se desmancha, proclamos reformá-la, prudentes opor-nos a que a alteração e a degeneração naturais a todas as coisas nos afastem demasiado de nossos costumes e princípios. Mas empreender a refundição de tão grande massa e a mudança das fundações de tão grande edifício é obra de quem, para limpar, apaga tudo, de quem quer corrigir os erros particulares por meio duma confusão universal e curar as doenças com a morte. *non tam committendum quam extirpandum verum capiti*.<sup>23</sup> O mundo é incapaz de curar-se: fica tão impaciente com o que o perturba que só tem em vista desfazer-se do incômodo, a qualquer preço. Mil exemplos mostram-nos que ele de ordinário se cura à sua própria custa: o alívio do mal presente não é cura, se de modo geral não há correção de condição.

23. Muitos desfechos de maquinação governa que do deus fá, Olympe, *Le Goffin*, II, 13.

A finalidade do jurgão não é matar a carne ruim: isso não passa de etapa do tratamento. Ele vê além: permite que renasça a carne natural e devolva a parte devida ao ser devido. Quem propõe tão-somente expulsar o que o ofende, pára no meio do caminho, pois o bem não sucede necessariamente ao mal: outro mal pode surgir e, por fim, como aconteceu aos assassinos de César, que levaram a coisa pública a tal ponto que tiveram motivos para se arrepender de se terem metido. A muitos, de então a esta data, aconteceu o mesmo. Os franceses meus contemporâneos sabem do que se trata. Todas as grandes mutações abalam o Estado e o desorganizam.

Quem visar sinceramente à cura e a tentar antes de qualquer outra obra logo se arrependerá disso. Pacuvius Calpurnius corrigiu esse erro com um exemplo notável. Seus concidadãos se haviam insurgido contra os magistrados. Ele, personalidade de grande autoridade na cidade de Cápuia, encontrou um dia um meio de prender os senadores no palácio e, convocando o povo na praça, disse ter chegado a hora de, com toda a liberdade, poderem vingarse das mãos que os haviam oprimito por tanto tempo, e que ele mantinha à sua mercê, isolados e desarmados. Combinou-se que, por ordem de sorteio eles iriam sair de um a um, decidindo-se sobre cada um em particular e mandando-se executar de imediato aquelle sobre o qual assim se decretasse, contanto que, na mesma hora, outlicassem de escolher algum homem de bem para ficar no lugar do condenado, a fim de que seu posto não ficasse vago. Mal tinham ouvido o nome dum senador quando se elevou um clamor de descontentamento geral contra ele. Estou vendo, disse Pacuvius, que é preciso livrar-se deste: é um perverso; cabe escolher

em favor de alguém que seja bom. Fez-se silêncio absoluto, pois todos sentiam empecilhos para a escolha, quando o primeiro mais arrevedado disse um nome, elevaram-se todas as vozes em uníssono para recusá-lo, pois havia nem imperfeições e justas razões para rejeitá-lo. Como essas disposições contraditórias se tornassem acaloradas, pior ainda aconteceu com o segundo senador, e com o terceiro havia tanta discórdia para a eleição quanto concórdia havia para a rejeição. Causando-se com aquele tumulto, começaram, nós aqui, outros acólitos, a afastar-se aos poucos da assembleia, todos levando na alma a resolução de que o mal mais velho e mais conhecido sempre é mais suportável que o mal recente e não experimentado.

Para nós vemos assim tão lastimavelmente atormentados, o que não fizemos?

*Flicu cicatricum et sceleris pudet,  
Fratrumque quid nos dicit refugium?  
Actis? quid intactum reliqui  
Liquimus? unde manus juventus  
Metu Deorum continuit? quibus  
Reperit aris?*

não direi de pronto e resolutamente:

*apsa si veht salus,  
Servare proeres non potest hanc familiam?*

24. Ai meus cicatrizes, meus crimes, minhas guerras fratricidas nos convergiram! O que nos poupou em nossa guerra civil? O que deixamos ao abrigo de nossos excessos? O temor dos deuses terá dono e as mãos da juventude? Que altares terá ela responsável? (Horácio, *Sat.*, I, XXX, 35-41)

25. Não que a proza o deusa Salus que pro se, seu componente para salvar esta família? (Terêncio, *Adelphoe*, IV, VII, 8, 35)

Talvez não tenhamos chegado ao nosso último período. A conservação dos Estados é coisa que provavelmente supera nosso entendimento. Como diz Platão, é coisa poderosa e de difícil dissolução a organização civil. Muitas vezes sobrevive às doenças mortais e internas, à agressão das leis injustas, à tirania, aos excessos e à ignorância dos magistrados, à dissolução e à sedição dos povos.

Em todas as nossas vicissitudes, compararmo-nos a quem está acima de nós e olharmos para os que estão melhor, compararmo-nos ao que está abaixo, não há ninguém tão desazado que não encontre má exemplar em que se consolar. É nosso vício preferir ver o que está à nossa frente a ver o que nos vem atrás. Assim, dizia Solon, se alguém fizesse um amontoado de todos os males, ninguém haveria que não preferisse carregar consigo seus próprios males, a dividir legitimamente com todos os outros homens esse amontoado e tomar posse de seu quinhão. Nossa sociedade passa mal, mas houve doentes mais graves que não murcharam. Os deuses brincam conosco como se fôssemos folhas, e nos agitam em todos os lados.

Erinyon. Ou nos homens quasi pithi ha xeni.

Os astros destruíram fatalmente o Estado de Roma para servir de exemplo do que são capazes nessas crises. Em si, ele contém todas as formas e vicissitudes

20. Os deuses nos usam como folhas. (Plauto, *Capitium Prologo*, l. 223)

que atingem um Estado: tudo aquilo que podem a si mesmos e a desventura, a ventura e a desventura. Quem de se esperar de sua condição ao ver as alturas e os movimentos com que foi agitado e que suportou? Se a extensão dos domínios e a saúde da saúde dum Estado com que não concendo de modo algum, e agrada-me o que Sócrates ensina a Nicocles: não invejar os príncipes que têm vastos domínios, mas os que sabem conservar os que lhes combem, porque nunca esteve tão saudável quanto no tempo em que esteve mais coente. A pior de suas formas talvez a mais afortunada. Mal se reconhece a imagem de alguma administração no tempo dos primeiros imperadores, é a mais horrível e densa confusão que se possa conceber. Tocavia, sustentou-a e perdurou, conservando não uma monarquia fechada em seus limites, mas tantas nações tão diversas, afastadas, desafecoadas, desordenadamente comandadas e injustamente conquistadas;

acc gaudias illis

Cum adit et populum terrae pelagique potentem,  
 Cavidem terrarum suae.

Nem tudo o que balança cai. A estrutura de tão grande corpo só depende de mais de um prego. Ele aguenta até mesmo pela amizade: como os velhos edifícios, cujas fundações a idade solapou, que não têm reboco nem cimento, mas que vivem e se sustentam com o próprio peso.

.....

27. A fortuna não confia a ninguém nação os cuidados de virgíli com povo que seu senhor da terra e coarar clarem. (192)

rac jam validis radicibus haerens,  
Pendere tota suo est.<sup>28</sup>

Ademais, não é hora procedimento verificar apenas o flanco e o fosso, para julgar a segurança de uma praça-forte, e preciso ver por onde se pode a ela chegar, em que estado está o sitiante. Poucos navios afundam devido ao próprio peso e sem violência alheia. Uma, olhemos para todos os lados, tudo se esborra ao nosso redor, em todos os grandes Estados, seja da cristandade, seja alheios, que começamos, olhai e vereis uma evidente ameaça de ruína e de ruína;

Et sic sunt illis incerta, parque per omnes  
Tempestas.<sup>29</sup>

Pouco adianta os astrólogos nos advertirem, como fazem, de grandes alterações e mutações próximas, suas adivinhações são presentes e palpáveis, não é preciso recorrer aos céus para isso.

Não nos cabe apenas buscar consolo nessa sociedade universal de mal e ameaça, mas também alguma esperança quanto à duração de nosso Estado, porquanto – o que é natural – nada cai quando tudo cai. A doença universal é a saúde particular; a exortimidade é qualidade inimiga da dissolução. Quanto a mim, não caio em desespero, e parece-me enxergar caminhos de salvação.

<sup>28</sup> É sustentado por raízes fracas, dura graças ao próprio peso, *Justina*, I, 138,3.

<sup>29</sup> Todos têm sua doença – e tempestade semelhante ameaça a todos. *Harvino* em Virgílio, *Enéida*, III, 1221.

Deus haec fortasse benigna  
 Reducet in sedem vitæ \*

Quem sabe se Deus não quer que aconteça como nos corpos que se purgam e ficam em melhor estado graças a longas e graves enfermidades, que lhes desenvolvem uma saúde mais íntegra e mais fulgente que a saúde que lhes haviam roubado? O que mais me aborrece é que, ao contar os sintomas de nosso mal, vejo tantos males naturais, enviados pelos céus e propriamente seus, quantos são os que nosso desregramento e a imprudência humana nos conferem. Parece que os próprios astros dizem que duramos além do termo ordinário. É também me causa pesar que o mal que mais é perto nos ameaça não seja a alteração na massa íntegra e sólida, mas sua dissipação e dispersão, o nosso modo extremo.

Enquanto assim cogito tenho a tracção de minha memória, que por inadvertência talvez me faça registrar a mesma coisa duas vezes. Detesto ter de retratar-me, e só retorno a contragosto àquilo que porventura me tenha escapado. Ora, aqui nada estou dizendo que seja novo. São cogitações comuns, e feitas talvez umas cem vezes, tenho tê-las já arrolado. A repetição é sempre aborrecida, nem que seja em Homero, mas é desastrosa para as coisas de feição superficial e passageira. Desagrada-me o incultar, mesmo das coisas úteis, como em Sêneca, e não gosto do costume de sua escola cística, de sobre cada assunto repetir de todos os

\* Talvez um deus nos devolva aquela prosperidade. (Horácio *Épicas*, XII, 7.)

modos possíveis os princípios e as pressuposições de uso geral, e de sempre alegar de novo os argumentos e as razões comuns e universais. Minha memória piora dia a dia.

*Pecula letharee ut si decantia somnas  
Arente fauce miserata.*<sup>21</sup>

Doravante – pois graças a Deus até agora não ficou ve-filha –, em vez de, como os outros, buscar tempo e ocasião de pensar no que compete dizer, preciso tomar-me aos preparativos, para não ficar preso a alguma obrigação da qual acabe dependendo. Sinto-me obrigado se obrigado a ater-me a instrumento tão frágil quanto a memória, ou a dele depender.

É uma história que nunca leio sem pesar, sem um ressentimento verdadeiro e natural. Incestes, acusado de conjuração contra Alexandre, no dia em que foi apresentado ao exército, segundo o costume, para fazer sua defesa, levava de memória um discurso preparado, do qual pronunciou algumas palavras a hesita e gaguejar. Como ficasse cada vez mais confuso, embora lutasse com sua memória e tentasse despertá-la, foi acusado e morto a golpes de lança pelos soldados mais próximos dele, convencidos estes de que sua culpa estava provada. Seu assombro e seu silêncio serviram-lhe de confissão: como na prisão tivera tanto tempo para preparar-se, na opinião deles não era a memória que lhe faltara, mas sim a consciência que lhe reforcara

.....  
21. Como se, com a gagueira se a, e tivesse abuzo a água se nina do Tejo. *Obra de Quaresma*, XIV, 37.

a língua, tollendo-lhe a força. Verdadeiramente, isto é bem posto. O lugar, a assistência, a expectativa assustam, sempre que a única ambição é bem falar. O que fazer quando do discurso depende uma vida?

Quanto a mim, o simples fato de estar preso àquilo que devo dizer serve para me soltar. Uma vez comprometido com minha memória e a ela inteiramente votado, perdo-lhe tanto que a esmagou, e ela se apavora com o peso. Ao lhe transferir meus encargos, põe-me fora de mim, a ponto de comprometer minha posição; e de certa feita me vi em dificuldades para dissimular a servidão na qual me enleira, quando meu objetivo, ao falar, era dar a impressão de profunda negligência e usar movimentos fortuitos e não premeditados, como se nascidos da ocasião presente; por isso, e melhor raça, dizer que equivalha a mostrar que viemos preparados para bem falar, coisa que não assenta bem sobretudo a gente de minha profissão, e coisa que cria grandes obrigações para quem não pode corresponder os preparativos feitos e parar mais do que são capazes de dar. Há quem se vista totalmente de grão para não pular melhor do que se estivesse com saio.

*Nihil est his qui placere volunt tam adversarium quam expectatio.* - Conta-se em texto escrito sobre o orador Cório que, propondo a distribuição das peças de seu discurso em três, quatro ou mais argumentos e razões, muitas vezes lhe acontecia esquecer alguma ou acrescentar uma ou duas. Sempre evitei esse inconveniente, odiando essas premissas e prescrições: não so

52. Nihil est de maior periculo quam quae ariditas do que a expectativa. (Cicero, *Academica*, II, 5.)

por não confiar em minha memória, mas também porque essas formalidades apouquem o erudito. *Simpliciter miliares decuit.* Fiz-me a promessa de não mais aceitar falar em lugares de cerimônia. Pois, quanto a ler o discurso, além de ser coisa monstruosa, traz grandes desvantagens a todos quantos, por natureza, tivessem alguma capacidade de ação. E, quanto o ficar à mercê de minha invenção do momento, muito menos, pois a minha é lenta e confusa, não sabendo atender às necessidades salutas e importantes.

Deixe portanto o leitor crer mais um pouco este ensaio e este terceiro prolongamento do restante das peças de minha pintura. Acrescento mas não corrijo. Em primeiro lugar porque entendo que quem hipotecou ao mundo sua obra já não tem direito a ela.

Que ele, se puder, fale melhor em outro lugar, e não estrague a mercaderia que vendeu. De tais pessoas só se deveria esperar alguma coisa depois de mortos. Deviam pensar bem antes de produzir. Por que pressa?

Meu livro é sempre o mesmo. A não ser que, que à medida que dele saíam novas edições, para que o comprador não se vá com as mãos totalmente vazias, eu me dê o direito de acrescentar-lhe, qual marchetaria mal unida, a gum emblema supranumerário. Não passarão de contrapeso incapaz de condenar a primeira forma e capaz de conferir algum preço especial a cada uma das seguintes, por pequena sutileza ambiciosa minha. Disso advirá facilmente, todavia, que se misture alguma transposição de cronologia, já que a

35. *Vos solentis eratis in causis magis amplis* (Quintiliano, *Instituta do oratória*, XI, 7.)

posição de meus capítulos sera resultado da oportunidade, e nem sempre da data.

No segundo lugar, no que me diz respeito, temo perder com a mudança meu entendimento nem sempre anda para a frente, anda também para trás. Não confio nas fantasias que não cheguem em segundo ou terceiro lugar mais do que nas primeiras, nem mais nas presentes que nas passadas. Muitas vezes nos corrigimos com tanta estultícia quanto corrigimos os outros. Minhas primeiras edições foram de 1580. Transcorrido tanto tempo, envelheci, mas por certo não gubiei mais nenhuma polegada de sabedoria. É verdade que eu agora e eu então soues doze, mas qual é o melhor não sei dizer. Seria muito envelhecer se só camudassemos para a correção. Mas o movimento é de balbude falubante, vertiginosa, uniforme, ou dos juvenis, que o ar ateneja ao acaso, segundo sua vontade.

Antes de escrever eu com vicência a favor da Academia, nos anos da velhice passou a ter outra opinião. Seguir que quer tem dos dois não sera sempre seguir Antioch?

Estabelecida a dúvida, o que quer estabelecer a certeza das opiniões humanas porventura não sera estabelecer a dúvida, e não a certeza, demonstrando-se assim que, a prolongar-se a vida, sempre haveria disposição para novas mudanças, nem sempre melhores que as outras?

O favor publico deu-me um pouco mais de satisfação do que esperava, porém o que mais temo é a solidude: pretiro desapontar a cansar, como fez um sabio de meu tempo. O louvor é sempre agradável, venha de quem vier, mas para apreciá-lo com justiça é preciso

estar informado de sua causa. As próprias imperfeições têm quem as defende, e o julgamento vulgar e comum é pouco feliz nesse sentido; posso estar enganado, mas, nestes tempos, são os piores textos os mais favorecidos pelos ventos populares. Agradeço aos homens de bem que se dignam ser benevolentes com meus débeis esforços. Não há outro lugar onde as falhas de erro apareçam tanto quanto numa materia que por si nada tenha de attraente. Que o leitor não me queira mal pelas falhas aqui introduzidas pela fantasia ou inadvertência de outras pessoas, cada mão, cada trabalhador contribui com as suas. Não me meto em questões de orthographia (só ordeno que elles sigam a antiga) nem em questões de pontuação; se, tão pouco duma, quanto de outra. Quando elles destroem totalmente o sentido, pouco me preoccupa, pois ao menos ninguém me pode imputar a culpa, mas, quando o substituem por outro errado, como ocorre com freqüência, e desviam o que eu disse segundo sua própria concepção, arruinao-me. Todavia, quando a frase não se agostar a mimso lido, o homem de bem devera recusá-la como má. Quem souber quão pouco laborioso eu sou, como é particular o meu livro, acreditará mais que eu preferira dizer de novo outros tantos ensaios a aceitar refazer estes, para uma correção pueril.

Dizia eu portanto que, plottado que estou na mais profunda máa deste novo metal, não somente estou privado de grande familiaridade com pessoas de costumes e opiniões diferentes dos meus, graças aos quais são unidos por um laço que escapa a qualquer outro laço, como também não deixo de correr riscos entre pessoas para as quais tudo é igualmente lido, e cuja

minha não conseguira piorar ainda mais a situação em que estou perante nossa justiça, donde nasce o extremo grau de sua licença. Contando todas as particularidades circunstâncias que me dizem respeito, não vejo lumen das nossas a quem a defesa das leis custe, em lucros cessantes e em prejuízos emergentes (como dizem os especialistas), mais que a mim. E aqui me refiro aos valentes em entusiasmo e venerência, que no balanço final fazem muito menos do que eu. Casa desde sempre livre, totalmente acessível e sempre ao dispor de todos (pois nunca me deixei induzir a fazer dela um instrumento de guerra, do qual tenho mais conhecimento quanto mais distante estiver de minha vizinhança), minha casa mereceu bastante afeição popular, e seria difícil que alguém me repreendesse de construir sobre o todo, ademais, considero um exemplo milagroso que ela ainda esteja virgem de saques e de saques, sob tão prolongada tormenta, com tantas mudanças e agitações pelas proximidades. Pois, a bem da verdade, a um homem de minha feição seria possível escapar de forma constante e contínua, qualquer que fosse ela, mas as invasões e as incursões adversas bem como as alternâncias e vicissitudes da sorte ao meu redor até agora exasperaram mais que abrandaram as disposições de minha terra, e me orientam com dificuldades inenunciáveis. Escapar, porém — e isso me absorve —, mas por sorte e até mesmo por minha prudência que propriamente por justiça, e desgosta-me estar sem a protecção das leis e só outra salvaguarda que não a delas. Do modo como vão as coisas, vivo momentaneamente por favor alheio, o que me cria obrigações. Não quero dever minha segurança nem à bondade e à be-

ingratitude e os grandes, aos quais agradeço minha observância às leis e minha liberdade, nem à condescendência minha e de meus predecessores. Pois que aconteceria se eu fosse diferente? Se minha conduta e a franqueza de minha conversação emperilhassem meus vizinhos ou parentes, seria cruel que eles pagassem permitindo-me viver, e que pudessem dizer: Nós condenamos a continuação do livre serviço divino na capela de sua casa, uma vez que todas as igrejas dos arredores foram abandonadas e aminhadas por nós, e condenamos o uso que faz de seus bens e de sua vida, porquanto perdem nossas mulheres e nossos bens em caso de necessidade. Lá há muito em minha casa prestamos homenagem a Licurgo, obtivemos que era general depositário e guardião das bolsas de seus concidadãos.

Ora, acreditem que se deve viver por direito e austeridade, e não por recompensa nem por graça. Quantos homens ilustres preferem perder a vida a devê-la? Foi a qualquer espécie de obrigação, mas sobretudo a que me liga por dever de honra. Nada me parece mais caro do que aquilo que me foi dado e aquilo pelo que minha vontade permanece emperhada a título de gratidão e profiro os serviços que estão à venda. Creio que por estes só devo dinheiro, pelos outros dou-me em mesmo. O laço que me prende pela lei da honestidade parece-me bem mais apertado que o da lei civil. Padeço menos com o gerote de um notário do que com um que seja meu. Não sera razoável que minha consciência fique muito mais emperhada pelo fato de simplesmente terem confiado nela? Aliás, minha fiança nada significa, já que ninguém lhe confia em nada; que busquem fiança e garantias fora de mim.

Preferiria romper a prisão das muralhas e das leis a romper a da palavra. Sou exigente no cumprimento de promessas a ponto de ser supersticioso, e, em todos os assuntos, as que faço são incertas e condicionais. As que não têm peso algum, confio o peso da observância de muitas normas: estas me constroem e nutrem por si mesmas. Assim, nos actos empreendimentos próprios e livres parece-me que, dizendo o que pretendo, prescrevo-me uma obrigação, e que dar ciência deles a outrem é o mesmo que comprometer-me a cumpri-los: parece-me estar prometendo quando apenas estou dizendo. Assim, manifesto pouco exaltadas intenções.

A condenação que faço a mim mesmo é mais viva e rígida que a dos juizes, que só me vêem pelo aspecto da obrigação comum, mas as injunções de minha consciência são mais estritas e severas. Sigo negligentemente os deveres para os quais me amastariam se eu não fosse a eles. *Hoc ipsum illi positum est quod recte fit, si est voluntarium.* <sup>34</sup> Se a acção não tiver nenhum lustro de liberdade, não terá estufa nem honra.

Quid me ius cogit, vix voluntate impetent.

Naquilo para que a necessidade me compelle, agrada-me relaxar a vontade, *quia quicquid imperio cogitur, exigenti magis quam potestati acceptionem refer*

.....

34. Mesmo uma ley u d'at' só se é o alante jura se for voluntaria. *Barro, de offi. iud. l. 3.*

35. Acorda a que o dever obriga se se obriga a d'illo peris da outra parte. *Terrenus, de legat. II, v. c. 48.*

tar.<sup>46</sup> Sei de quem siga este provérbio até a injustiça: dão em vez de devolver, emprestam em vez de pagar, e fazem com parcimônia o bem a quem deve fazer. Não chego a isso, mas continuo.

Gosto tanto de desonrar-me e desoligar-me que às vezes conto em meu proveito ingratidões, ofensas e indignidades que recebi daqueles para com quem, por natureza ou acidente, eu tivesse algum dever de amizade, aproveitando a ocasião em que falham para quitar-me e livrar-me da dívida. Ainda que continue a pagar-lhes os serviços por via da razão pública, sinto que poupo muito ao fazer por justiça o que antes fazia por afeição e ao aliviar-me no ponto da menção e solicitude imposta pela minha vontade (*Est prudentis sustinere ut cursum, sic imponit benevolentiam*)<sup>47</sup>, que é um tanto ingente e premente naquilo a que me dedico, pelo menos para alguém que, como eu, não quer ser instado; e essa economia me serve de consolação para as imperfeições daqueles que me atingem. Desgostame que valham menos, mas pelo menos poupo alguma parte da minha dedicação e do meu empenho para com eles. Aprovo quem ama menos o filho por ser filho ou entranhado, e não apenas quando é malvado, mas também quando é infeliz e mal nascido (Deus mesmo desmentiu isso de seu apego e estima naturais), desde que nessa sua fraqueza ponha moderação e exata justiça. Para mim, a proximidade não mitiga os defeitos, antes, agrava-os.

46. *Proz sea qual for a obrigação, deixe esta ordem a quem a cederem do que a quem a cumprir.* (Valério Máximo, II, II, 6.)

47. *É prudente reter a amizade dos casais e associar também o impulso da benevolência.* (Cícero, *De Amicitia*, 17.)

Ao fim das contas, pelo que entendo da ciência do bem fazer e do reconhecimento, que é ciência sutil e de grande utilidade, não vejo ninguém mais livre nem menos envidiado que em mim agora. O que devo, devo por obrigações comuns e naturais. Além, ninguém há que esteja mais quito,

nec sunt mihi nota potentia  
Mimera.<sup>48</sup>

Os príncipes muito me dão quando nada me tiram, e fazem-me bem quando não me fazem mal: é tudo o que deles espero. Como sou grato a Deus por ter recebido imediatamente de Sua graça tudo o que tenho, por ter Ele ficado com toda a minha dívida? Como suplico insistentemente à Sua santa misericórdia nunca ter de dever um favor essencial a ninguém!

Bem-aventurada independência, que me conduziu tão longe. Que dure para sempre. Tento não precisar expressamente de ninguém. *In me contrita spes est mihi.*<sup>49</sup> Isso é algo que todos podem em si mesmos, mas que é mais fácil para aqueles que Deus pôs ao abrigo das necessidades naturais e urgentes. É lastimável e amigado depender de outra pessoa. Nem mesmo quando dependemos só de nós — o que é mais justo e mais seguro — temos suficientes garantias. Nada possui senão a mim mesmo, e essa é uma posse em

48. Também conhecido os presentes dos príncipes. *Oratio* de Virgílio: *Enéida*, III, 519.

49. Todas as minhas esperanças estão em mim. *Oratio* de Terêncio: *Adolphus*, III, A, v, 93.

parte imperfeita e emprestada. Cultiva-me e encorajame, o que me deixa mais forte e também em fortuna, para ter com que me satisfizer em caso de ser por todos abandonado.

Hípías, de Élis, não se alimentava apenas de ciência para, no regaço das musas, afastada, d'egremente de qualquer outra companhia ou necessidade, nem apenas de conhecimentos filosóficos, para ensinar sua alma a satisfizer-se consigo mesma e a prescindir corajosamente das comodidades externas quando o destino assim dispusesse; também aprendeu a cozinhar, a cortar-se os cabelos, a fazer sua própria roupa, seus sapatos, seus arêis, para bastar-se o mais que pudesse e não ter de recorrer a estranhos.

Desfrutamos com muito mais liberdade e alegria os bens que nos são emprestados quando não somos a isso obrigados e constrangidos pela necessidade, quando temos, por vontade e fortuna, os meios de poder passar sem eles.

Conheço-me bem. Mas é difícil imaginar a mais pura liberalidade de alguém, a hospitalidade mais franca e gratuita que não me parecessem desfavoráveis, tífinicas e reprováveis se fossem impostas pela necessidade.

Assim como dar é qualidade ambiciosa e de prerrogativa, aceitar é qualidade de submissão. Demonstração de impãta e motivo de litígio foi a recusa de Buzet em aceitar os presentes que Tamerlão lhe enviava. E os presentes oferecidos ao imperador de Calicut da parte do imperador Solimão deixaram-no profundamente enraivecido: não só os recusou rudemente, dizendo que nem ele nem seus predecessores tinham por costume aceitar e que seu ofício era dar, como

também mandou meter numa mansueta os embaixadores enviados para esse fim.

Quando, segundo Aristóteles, Têbis honrouja Júpiter, e quando os lacedemônios honraram os athenienses, não o fazem refrescando-lhes a memória com os benefícios que lhes fizeram, o que é sempre cego, mas sim com os benefícios que deles recebiam. Aquelles que com fidelidade se comprometem e empenham não o fariam se pesassem, como deve pesar a um homem prudente, a penhor duma obrigação, que por vezes se paga, mas que nunca se dissolve.

Um garoto para quem gosta de agir com liberdade em todos os sentidos. Meus conhecidos, tanto os que estão acima quanto os que estão abaixo de mim, bem sabem que nunca viam ninguém que pese menos para os outros. Se escapo totalmente aos exemplos modernos, não é de espantar, pois para isso contribui muito o meu temperamento: um pouco de leno natural, a impaciência que me causam as recusas, a peculiaridade de meus desejos e objetivos, a incapacidade em qualquer tipo de negocio, bem como minhas qualidades favoritas, ócio e liberdade. Por tudo isso sinto um ódio mortal de prender-me a outra pessoa ou que me prenda outra pessoa que não seja eu mesmo. Empenno-me vivamente no que puder para prescindir da beneficência dos outros antes de aceitá-la em qualquer ocasião, seja esta de alegria ou de pesar. Meus amigos me importunam desmedidamente quando sollicitam que eu solicite para eles os favores dum terceiro. E me parece tão enoso livrar das dividas aqueles que me devem quanto empenho-me por eles junto a quem nada me deve. Excluído essa situação, qualquer outra em que exijam de mim cousas de negócios e cuida-

dos troços declarou guerra aberta a todos os cuidados), deu conselho a todos as necessidades de todos. Mas também, nesse caso procurou não fugir de receber do que de dar, o que é mais fácil, segundo Aristóteles. O destino pouco ensejo me deu de fazer bem a outrem, e o pouco que ensinou distribuir parcamente. Se a sorte me tivesse destinado por nascença a altos postos entre os homens, minha ambição seria a de fazer-me amar e não temer ou admirar. Como exprimir isso de modo mais duro? Eu visaria tanto a agradar quanto a ser útil. Cão, com grande sabedoria, pela boca dum ótimo capitão e filósofo me fez ainda, estima que sua bondade e seus benefícios estão muito acima de sua ciência e de suas conquistas bélicas. E o primeiro Cícero, sempre que quer evidenciar ser valor, dá mais peso a sua magnanimidade e humanidade do que à sua audácia e a suas vitórias, estando sempre a profetizar estas gloriosas palavras: que deu aos inimigos tantos motivos para ser amado quanto deu aos amigos.

Quero pois dizer que, se for preciso dever alguma coisa, que seja por razões mais legítimas do que aquelas de que estou falando, as quais a lei desta miserável guerra me obriga, e que não seja dívida tão grande quanto a da conservação da vida, que é esmagadora. Mil vezes em minha casa adormeci imaginando que seria traído e assassinado naquela noite, fazendo votos de que tal acontecesse sem pavor e sem sofrimento prolongado. E exclamava após o meu pai-velho,

Impius haec tam multa novitia miles habebit<sup>10</sup>

<sup>10</sup> Alguns impio soldados possuem estas terras tão bem cultivadas. Virgílio, *Georgic* I, 711.

Que reticêdo é! É minha terra natal, da maioria dos meus ancestrais, que lhe deram amor e nome. Enrijecemos em tudo aquilo a que nos acostumamos. E numa miserável condição, como é a nossa, é uma dádiva da natureza o acostumar-se, que entorpece nossos sentimentos em face do sofrimento causado por tantos males. As guerras civis são piores que as outras guerras porque transformam cada casa numa guarita.

Quam nascimur parva vitam nulloque loco,  
Vixque suae tutum viribus esse domos!

É fato de extrema gravidade ser atacado no próprio lar e durante o repouso doméstico. O fugir onde moro é sempre o primeiro e o último no embate de nossas conturbações e onde o resto da paz nunca se mostra por inteiro.

Tum quoque cum pax est, trepidant formidine belli

Quoties parvam fortuna lacessit  
Hac iter est bello, Melius, fortuna, dedisses  
Orbe sub Tuo sedem, gelidaque sub Aethra  
Erantesque domos!

Às vezes extrajo um meio de me tornar mais forte contra essas considerações da negligência e da covar-

\*1. Como o resto do tempo a vida corre numa pista e algumas pausas e estar inseguro apesar da felicidade da casa (Ovidio - *Tristia*, IX, l. 56.)

\*2. Mesmo na paz tremo de medo da guerra (Id., *ibid.*, III, V, 17.)  
\*3. Uma vez que o destino o erpe a paz, a guerra passa por aqui. O destino, seria melhor que me dedesses um lugar no Oriente, ou esta morada erants, no norte glacial (Lucrecio, I, 255 e 251.)

dia, elas não levam a alguma resolução. Deu-me-me não zaro imaginar com certo prazer os perigos mortais e esperi-las meyllho de cabeça estupidamente na morte, sem a considerar e reconhecer como naua profundez muca e obscura que me engolisse num salto e prestasse no mesmo instante num sono irresistivel creio de insipidez e indolência. E nessas mortes cruetas e violentas, a consciência que prevejo me dá mais conscia que afflicto. Dizem que, crês na neu sempre a melhor vida sepa a longa, a melhor morte e a curta. Já não me causa tanta estranheza o fato da morte se tenho confidencias com o morrer. Embreho-me e recebro-me em meio a esta tormenta, que devera cegarmi e anchar-me na fuma dalguma investida, pronta e mesperada.

E se é verdade, como dizem alguns predmeiros, que as rosas e as violetas crescem mais perfumadas perto de alhos e cebolas, porquanto estes sajam e restitua para si o que há de mau odor na terra, que assim também as naturezas depravadas sorvessem todo o veneno do meu ar e da atmosfera, tirando-me desse modo, graças à sua proximidade, melhor e mais puro para que neu tudo estivesse perdido. Isso não acontece, mas há alguma verdade em se dizer que a bondade e mais heia e amente quando é rara, e que a contrariedade e a adversidade fortalecem e contém em si o bem obrar, inflamando-o com o zelo da opposição e com a gloria.

Os ladrões não me querem mal de modo especial. E eu a eles seria preciso cuer mal a muita gente. Tais consciências albergam, sob diversos tipos de aparência, formas semelhantes de crueldade, deslealdade,

ludibiosa, que são piores porque covardes, acobertadas e obscurecidas que são pela sombra das leis. Odeio menos a infâmia confessa que a traiçoeira, a guerreira que a pacífica. A febre atacou nosse corpo mas não pôde o seu estado, o fogo já estava lá, agora as chamas dezinham: o maldo é maior, o mal pouco augmentou. A quantos me perguntem a razão de minhas viagens costumo responder que sei muito bem do que fujo, mas não o que busco, se me dizem que entre os estrangeiros poderá haver tanta insalubridade, e que seus costumes não são melhores que os nossos, respondo, em primeiro lugar, que isso é difficil.

Um melior seclum facies?

e, em segundo lugar, que sempre é vantagem ficar numa situação ruim por uma incerta, e que os males alheios não devem fazer nos temer quanto os nossos.

Não quero esquecer que, por mais que me revoltou contra a franceza, nunca deixei de ter bons olhos para Paris: ella tem meu coração desde a infância. E para mim passou a ser uma das coisas excellentes da vida, quanto mais conheço outras belas cidades, mais a belleza d'ella cresce e ganha em minha afeição. Amo-a por summeza, e mais na simplicidade do seu ser do que na pompa que lhe e estanha. Amo-a com ternura, amo até seus defectos e seus nodos. Não sou francez se não graças a essa grande cidade: grande pelo seu povo, grande pela belleza do lugar, mais incomparável em variedade e diversidade de comodidades, a glória da

.....

1. Tuncis scit as licet do crimine? Virgilio, *Georgicae* 1, 506-1

França é um dos mais nobres ornamentos do mundo. Que Deus dela afaste nossas dissensões! Íntegra e unida, veja-se imune a violências. Advirto que, de todos os caminhos, o pior será aquele que lhe crie dissidências. E temo por ela em si mesma. E temo por ela como uma das partes desse Estado. Enquanto ela existir, terei onde retirar-me para meus últimos dias, o que me basta para não sentir falta de nenhum outro lugar.

Não porque Sócrates tenha dito, mas porque na verdade assim penso. Talvez não sem grande exagero, considero todos os homens meus compatriotas, e abraço um polonês como se fosse um francês, transferindo essa ligação nacional para a universal e comum. Não morro de amores pelas amenidades da comunidade natal. Os conhecimentos novos e pessoais parecem-me valer os outros, fortuitos e comuns propiciados pela proximidade. As amizades puras que adquirimos são necessariamente superiores aquelas às quais a combinação de clima ou sangue nos unem. A natureza nos põe no mundo livres e desligados; nos nos aprisionamos em limites estreitos como os reis da Pérsia, que se impunham a obrigação de nunca beber outra água que não fosse a do rio Coaspes, renunciando por castidade ao direito de uso de todas as outras águas, o que tornava o restante do mundo seco para eles.

Acredito que nunca me sentiria tão apegado nem tão habituado à minha terra que fizesse o que Sócrates fez no fim da vida, de considerar uma condenação ao exílio por que a sentença de morte. Essas vidas celestes têm imagens que abraço mais por admiração que por afecção. E algumas são tão elevadas e extraordinárias que nem por admiração as posso abraçar, porque não as posso conhecer.

Essa decisão foi bastante delicada para um homem que considerava o mundo sua pátria. É verdade que desprezava as viagens e que nunca posera os pés fora do território da Ática. Apesar disso, rejeitou o dinheiro dos amigos que lhe resgataria a vida, e recusou-se a sair da prisão pela intervenção de terceiros, para não desobedecer às leis, nem tempo em que elas estavam aliás, tão corrompidas. Esses exemplos são de princípios plina para mim. De segunda são outros que se podem encontrar nessa mesma personalidade. Alguns de seus atos excedem a minha força de ação, mas outros superam também minha capacidade de julgar.

Além dessas razões, acredito que viaja-se um exercício proveitoso. A alma vive continuamente excitada pela observação de coisas desconhecidas e novas, e, como já disse várias vezes, não conheço melhor escola para tornar a vida do que propor necessariamente a diversidade doutras vidas, modos de pensar e usos, e permitir que ela saboreie tão intensa variedade de formas da nossa natureza. Nas viagens, o corpo não fica ocioso nem atormentado pelo trabalho, e essa agitação moderada dá-lhe novo alento. Ando a cavalo sem desmontar, nem quando acometido por cólicas, e sem me aborrecer, durante oito a dez horas.

Vivā alia semper, senectas!"

Nenhuma estação me é hostil, a não ser a emblema, pois as umbelas que em Itália são utilizadas desde os

.....  
 15. Além das leis e das condições da vida. Vághio, *Fine* de VI, 2110.

antigos romanos cansam mais os braços do que des-cansam a cabeça. Gostaria de saber que artifício usa-vam os persas, em tempos antigos, quando nasceia o luxo, para criar um vento fresco e sombrio onde esti-vessem, como conta Xenofonte. Gosto da chuva e da lua como os patos. A mudança de ar e de clima não me afeta, para mim, o céu é um só. Só me abatem as alterações internas que produz o em mim mesmo, e mesmo estas são menos frequentes em viagem.

É-me difícil sair do lugar, mas uma vez em caminho ando enquanto for mister. Afidigante tanto nos pe-queños acanhamentos quanto nos grandes, e a apres-ta-me para uma visita de um dia e um vizinho ou para uma viagem propriamente dita. Aprendi a fazer jorna-das a espanhola, domo só tirada, grandes e considerá-veis jornadas; no calor extremo, facos à noite, do pôs-dosol ao amanhecer. O outro modo, de dar pasto aos animais em caminho, com grande tumulto, e de jantar apressadamente, sobretudo nos dias curtos, é in-cômodo. Meus cavalos merecem coisa melhor. Nunca um cavalo que comigo tivesse feito a primeira jornada fallou. Dou-lhes água em todos os lugares, e estudo sempre que o caninho que lhes reste pe a frente, seja apenas suficiente para consumir a água que beberam. A preguiça em levantar-me dá a quem me segue tem-po de jantar à vontade antes de partir. Nunca como tarde demais: o apetite chega enquanto como, e nunca doutro modo só sinto fome à mesa.

Certas pessoas lamentam que me dê prazer conti-nuar esse exercício, mesmo sendo casado e velho. Es-

---

16. Janto esse e não pe colta das ouz luras da marra

tem crendas. A melhor época para abandonar a família é quando já lhe demos condições de continuar sem nós, quando a deixamos numa ordem que não desenturta sua situação passada. Há bem mais inoprdência em nos afastarmos quando deixamos em casa uma vigília menos fiel e que tenha menos cuidado em prover as nossas necessidades.

A mais útil e honesta ciência e occupação duma mulher é a Economia Domestica. Vejo algumas avarentas, econômicas porquissimas. Esta é a principal qualidade delas, e que se deve buscar acima de qualquer outra, como o único dote que consegue arruinar ou salvar nossas casas. Digam o que disserem, portanto o que aprouder exigir duma mulher acima de qualquer outra virtude, a da economia do lar. Deixo a minha a cômodo cuidado, sustentando-me, ponho em suas mãos todo o governo do casa. Vejo com pesar certos lares em que o senhor retorna irritado e descontente, com as dificuldades dos negócios, cerca de meio-dia, e a senhora ainda está às voltas com pentear-se e enfiar-se em seus aposentos. Isso é coisa de meninas, ou que sei eu. É ridículo e injusto que a ceguidade de nossas mulheres seja sustentada pelo nosso trabalho e nosso suor. Não sucederá que eu possibilite a ninguém fazer isso mais líquido, tranquilo e desobrigado de meus bens do que eu mesmo. Se o marido fornece matéria, quer a própria natureza que elas forneçam forma.

Quanto aos deveres da amizade marital, que muitos acreditam ser detidos por essa ausência, não o creio. Ao contrário, é o emendamento que costuma arrelecer-se com a convivência demasiado continua, e que a assiduidade prejudica. Toda mulher estranha nos

parece boa. E todos sentem por experiência que a continuidade do verso não pode igualar o prazer que sentimos quando nos separamos e nos reunimos a intervalos. Essas interrupções me encham de amor renovado pelos meus e fazem parecer mais agradável o uso de minha casa: a alternância excita meu apetite por uma e depois por outra possibilidade. Sei que a amizade tem braços bastante longos para perseverar e unir dum canto ao outro de mundo, e com mais razão esse tipo de amizade, em que a contínua comunicação de deveres aviva a recordação da obrigação assumida. Os estoicos dizem bem que há tão grande aliança e relação entre os sábios que jurando com um França, alimenta o coração ilício no Egito, e se um deles estender nem que seja um dedo aos olhos os sábios que estejam sobre a terra darão o mesmo sentimento sua ajuda. O gozo e a posse pertencem principalmente à imaginação. Ela abraça com mais calor o que vai buscar do que aquilo que mais tocamos e mais amamos. Observai vossos entretenimentos diários e vereis que estais mais distante de vosso amigo quando ele está presente: sua assistência relaxa vossa atenção e dá a vosso pensamento a liberdade de assentarse a toda hora e por que lugar motivo.

Da distância de Roma, marcenho e governo minha casa e as comodidades que ali devese vejo crescer muitas manilhas, muitas levores e muitas rendas, e as vejo deveser de cerca de dois dedos, como quando estou ali.

Ante oculos erant domus, erant forma locorum.

47. *Diary de meus olhos*. *Fama multa casa e a crogan do logares*, *o vício*. *Tristia*, II, v, 277.

Se só nos desse prazer aquilo que tocamos, o que seria de nossos escudos quando estão em nossas arcas, e de nossos filhos quando vão a caçar? Desejamos maior proximidade. O pomar é longe? Meia jornada de caminho? É dez léguas? É perto ou longe? Se é perto, que tal onze, doze, treze? E assim passo a passo. Realmente, da mulher que prescreve ao marido em que passo termina o perto e em qual passo dá início ao longe, eu diria que ela o definiu entre dois pontos:

exclamaurgia frisa

Uxor permissio, caudaque pilos et epiniae  
 Padanini vello, et demum unum, deitas etiam unam.  
 Dum cadit plus ratiore tuentis acervi<sup>18</sup>.

e que recorre astutamente à filosofia, o que poderia ser reprovável, pois ela não vê nenhuma das extremidades da junção entre o demasiado e o pouco, o longo e o curto, o leve e o pesado, o perto e o longe, pois não identifica nem seu começo nem seu fim, diria que ela faz um juízo bem impreciso do meio. *Reveram natura nullum vobis dedit cognitionem finium.*<sup>19</sup> Não serão elas mais mulheres e amigas dos finados, que não estão no extremo pertencente a este mundo, mas no outro? Abraçamos os que foram e os que não são ainda.

<sup>18</sup> Que um elemento seja qualquer contingência de não, apesar da liberdade e assim como que na armadura para por cima o talco em um cavalo, separa uma unidade, depois outra, até que cada fúria e tu sejas vencido pela força de meu movimento. Otoriano *Epistola*, II, 1, 48 e 45.

<sup>19</sup> A natureza não nos deu nenhum conhecimento do fim das coisas. Otoriano, *de sublimitate*, II, 25.

tanto quanto os ausentes. Em nos ouvindo, não contratamos que ficaríamos contritamente gozados um ao outro, como certas animalzinhas que vemos ou como os enfiendidos de Caríntia, à maneira dos cães. E não deve uma mulher ter os olhos tão reprovadoramente fixados no que está à frente do marido que deixe de ver o que lhe está por trás, sempre que houver necessidade.

Mas as seguintes palavras dum pintor excelente dos humores femininos não seriam aqui legítimas para representar a causa das queixas das mulheres.

Uxor, si cesses, aut te amare vigilat,  
Aut te te amari, aut totam, aut animo obsequi,  
Et tibi bene esse vult, cum sibi sit male.<sup>53</sup>

Ou será que só se entrem e alimentam com a oposição e a contradicção, e que só se acomodam quando nos incomodam?

Na verdadeira amizade, que conheço bem, dou-me ao amigo mais do que dele tiro. Não só prefiro fazer-lhe bem, e não é ele a mim, como também prefero que ele se faça o bem, em vez de a mim; o maior bem que ele me pode fazer é fazê-lo a si mesmo. E se a ausência lhe for agradável ou útil, ser-me-a bem mais grata que sua presença, e não há propriamente ausência quando há algum meio de comunicar-se. Outros tirarei proveito e prazer de nosso distanciamento. Preven-

<sup>53</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>54</sup> Se te ausentas, tua mulher acende mais o olho, ou que es amado, ou que heles, ou que te divertes, e que só tu, esta bem, enquanto ela está mal. (Cervantes, *Alcázar*, I, 1, 75)

chíamos e dilatávamos nos nosso viver quando nos separávamos; ele<sup>51</sup> via-a, aprehevia e via as coisas por mim, e eu por ele, de maneira tão plena quanto se estivesse presente. Uma parte ficava ociosa quando estávamos juntos; nós nos confundíamos. A separação do lugar tornava mais rica a conjunção de nossas vontades. Esta fome irracional da presença física denunciação um pouco a fraqueza na fruição das almas. Quanto à velhice que me imputam, ao contrário, é próprio da juventude submeter-se a opinião comum e deixar-se costringer por outros. Os jovens podem atender ao povo e a si, nós temos coisas demais para fazer a nós mesmos. A medida que nos fadarmos as facilidades naturais, cumpre aporarmos nas artificiais. É injusto desculpar a juventude por guiar-se pelos prazeres e vedar à velhice procura-los. Jovem, eu cobro de prosélita muitas alegres paixões; velho, soluciono as tristezas distraindo-me. As leis platonicas proíbem as viagens antes dos quarenta ou cinquenta anos, para torná-las mais úteis e instrutivas; concordam mais com o segundo artigo das mesmas leis, que as proíbem depois dos sessenta. — Mas na vossa idade nunca voltareis de tão longo caminho. — Que me importa? Não é empreendo nem para dele voltar, nem para o perfazer, empreendo-o apenas para me mexer, enquanto o movimento me agrada. É passeio por passeio. Quem corre atrás de lucro ou de uma lebre não corre, corre quem busca de pega-pega e quem se exercita na corrida.

Meu destino é divisível por todas as partes; não se funda em grandes esperanças, cada jornada constitui

51. Exatamente, trata-se de La Boétie.

seu termo. E a viagem de minha vida é conduzida do mesmo modo. Vi, porém, bastantes lugares distantes onde desejar que me tivessem deixado. Por que não, se Crisipo, Cleantes, Diógenes, Zenão, Antipater, tantos homens sábios da seita mais carrancuda? abandonar sua terra sem motivo de arrependimento, tão somente para gozar outros dias? É verdade que o maior desgosto de minhas viagens é não poder decidir-me a estabelecer moradia onde bem me agrada, e precisar sempre voltar, para conformar-me às disposições comuns. Se tivesse morar em outro lugar que não minha terra natal, se me parecesse pensoso morar longe dos meus, custar-me-ia sair de França; sequer sairia sem grande medo de minha pátria. Sinto a morte a apertar-me continuamente a garganta ou a cintura. Mas meu feitiço é outro: para mim, a morte é a mesma em todos os lugares. Se todavia, me coubesse escolher, acho que preferiria morrer a cavalo a morrer na cama, fora de casa e longe dos meus. É mais aflitivo que consolador despedir-se dos amigos. Fácilmente esqueço esse dever social, pois entre os preceitos da utilidade esse é o único desagradável, e também de bom grado deixaria de dizer esse grande e eterno adeus.

Se é que existe algum conveniente nessa assistência, há mil inconvenientes. Vi muitos mordidos lastimavelmente molestados por toda essa afliência: tal insistência os sufoca. E contrariar os preceitos e dar testemunho de pouca afecção e de pouca atenção deixar que alguém morra em paz; este lhe atempera os olhos, cura os ouvidos, cura ainda a boca; não há

---

52. Os estúdios

sentido ou membro que não lhe estrangalhem. O coração se conflagra de piedade ao ouvir as lamentações dos amigos, e de riva ao ouvir porventura outras lamentações fingidas e dissimuladas. Quem sempre teve o gosto delicado e fragil ténese mais amela então. Em ocasião e e fôr grande necessidade presumes de mão afetuosa e ajustada a nossos sentimentos para nos passar umquanto orde dar ou para não fazer o local em absoluto. Se precisamos da habilidade da parteira para nos pôr no mundo, precisamos contar com um homem ainda mais hábil que nos ajude a dele sair. À pessoa assim, e amiga, deveríamos pagar preço altíssimo, para os serviços de tal ocasião.

Ainda não atingi aquelle vigor desdenhoso que se toralere em si mesmo, que dispensa ajuda e não se perturba esto o um pouco abaixo. Procuro accepar-me e furtar-me a essa passagem, não por medo, mas por astúcia. Não é miolta intenção nessa ocasião dar prova ou demonstração de coragem. Para quem? Teri cessado então o direito a reputação e o interesse que tenho por ella. Contento-me com uma morte recolhida, quieta e solitária, só minha, adequada à minha vida retirada e privada. Contraoindo a superstição romana, que considerava infeliz quem morresse sem falar e scita a presença dos próximos a lhe febarem os olhos, penso que estarei bastante occupado a consolar-me para ter de consolar os outros, terei pensamentos bastantes na cabeça para que as circumstâncias me arranjem outros, e matéria sufficiente a entreter-me para pedir asuntio aos outros. Esse é um papel que não cabe à sociedade; é o ato duma pessoa só. Procuremos viver e folgar entre os nossos, mas morrer e rezingar entre desco-

núncios. Pergundo, encontramos quem nos vire a cabeça e nos entregue os pés, quem se mostre solícito só na medida da nossa vontade, apresentando um semblante indiferente, deixando-nos a nos entreter e a mudar a nossa moda.

Discorrendo, deslizo-me todos os dias dessa disposição pueril e desumana, que consiste em desejo despertar com nossos males a compaixão e o pesar em nossos amigos. Damos a nossos achiagues valor desmedido, para provocar seu branto. É a firmeza que baixamos nos outros em suportar a infortuna, meritinhos e reprovamos nos próximos quando o destino é o nosso. Não nos satisfaz que se ressentam com nossos males, se porventura não se mostrarem aflitos. É preciso dilatar a alegria, mas cercar tanto quanto possível a tristeza. Quem se faz lastimar sem razão é homem que não deverá ser lastimado quando razão houver. É nunca encontrarão compadecimento quem sempre está a falar do seu poder, condenando-se tanto de si mesmo que ninguém mais dele se condói. Quem se faz de morto em vida está sujeito a ser tomado por vivo em morrendo. Vi alguns que se exasperavam se lhes diziam que estavam com bom semblante e pulso molepelo, que continham o riso para não demonstrar a cura, e oxavam a saúde por não ser esta lastimável. É o mais importante: não com mulheres.

No mais das vezes represento minhas doenças tal qual são, e evito palavras de mau prognóstico e exclamações conjungidas. Se não a alegria, pelo menos um comportamento sereno das assistentes é o que convém junto a um enfermo sensato. Não é por se ver em estado contrario que será bastil à saúde: agrada-lhe

contemplá-la em outra pessoa que esteja forte e inteira, e desfrutá-la nem que seja por companhia. Não é por se sentir de finhar que se repetira os pensamentos de vida ou fugirá às conversações. Quero estudar a ciência enquanto estiver só; a presença dela produz impressão assaz real mesmo sem a ajuda de minha imaginação. Preparamo-nos de antemão para as viagens que empreendemos e decidimos chegada a hora de montar a cavalo, nós a comunicamos aos que nos cercam e a prorrogamos caso lhes convenha.

Percebo um inesperado proveito na divulgação de meus costumes: serve-me um pouco de regra. Por vezes me ocorre que não me é lícito trair a história de minha vida. Esta declaração pública obriga-me a não sair do caminho e a não desmentir a imagem de minhas condições, de ordinário menos desfiguradas e contraditórias do que levam a crer a malevolência e a maldade dos julgamentos de hoje em dia. A uniformidade e a simplicidade de meu temperamento produzem a impressão de que é fácil interpretá-lo, mas, por ser um tanto nova e insólita, a maneira como é apresentado dá ensejo à maledicência. Verdade é que a quem quiser injuriar-me lealmente, parece-me que tenho imperfeições confessas e notórias em número suficiente para que me notem e se saquem, sem que precisem inventar. Se, ao ocupar-me pessoalmente com a indignação e a descoberta dessas imperfeições, pareço arrancar os dentes a quem quer morder-me, este terá motivos para prosseguir e estender seus direitos de ofensa, arraga-se direitos que vão muito além da justiça, e de transformar em árvores os vícios cujas raízes aponto em mim, utilizando para isso não só os que me

possuem de fato como também os que se me ameganam. Vícios infamantes em qualidade e número é por eles que deverei ser atacado.

Em acatária de braços abertos o exemplo do filósofo Dion. A Antígono, que queria embebecê-lo com alusões à sua origem, ele deu a seguinte resposta a retor quível: sou filho de um servo magro e estigmatizado, e dum pai proselito com que meu pai se casou pela baixeza de sua condição. Ambos foram punidos por algum delito. Um omdor, achando-me agradável, comprometeu ainda criança, e ao morrer, deixou-me todos os seus bens, que eu trouxe para esta cidade de Atenas onde me distiquei à ilusão. Que os historiadores não se empenhem em buscar novidades em mim; dissei tudo como de fato é. A confissão genuína é livre de reserva a crítica e desarma a urtiga.

Fato é que, somando tudo, parece-me que tanto me louvam quanto me desprezam além da conta. Como também me parece que, desde a infância, tanto em condição social quanto em honrarias detam-me uma posição que está mais acima da que abixo daquilo que me cabe.

Semir-me-ia melhor numa terra onde essas ordenações fossem regulamentadas ou desprezadas. Entre os homens, se tiver mais de três réplicas, a altercação sobre as prerrogativas da condição social já é incivil. Não tenho medo de ceder ou preceder unicamente para escapar a tão impopular contestação, e jamais ninguém cobiceou o meu direito à precedência sem que eu lha tenha concedido.

Além de se proibir que afaço ao escrever sobre mim mesmo, espere outro se deitar que minha dis-

posição de espírito agradável e se ajoste a algum homem de bem antes que eu morra, que ele procure unirse a nós, posso dar-lhe muito e não pedim-lhe, pois tudo o que um longo conhecimento e grande familiaridade poderiam proporcionar em vários anos vê-se em três dias neste registro, e com mais segurança e exatidão. Singular fantasia, tantas coisas que eu não gostaria de dizer a ninguém, digo-as ao povo, e sobre meus mais secretos conhecimentos ou pensamentos remeto a uma loja de livreiro meus amigos mais leais.

*Exercitanda dantur praecordia*<sup>52</sup>

Se, por provas infelizes, soubesse de algum que se me apropriasse, iria buscá-lo onde estivesse, pois a meu ver não há preço que pague o prazer duma companhia adequada e agradável. Ó um amigo! Como é verdadeira a frase antiga segundo a qual a privança dum amigo é mais necessária e agradável que o uso da água e do fogo! Mas voltando ao que dizia, não há, portanto, grande inconveniente em morrer distante e isolado. Se achamos que nos devemos retirar para realizar acções naturais menos heitas e hecônomas que essa... Ademais, aqueles que chegam a essa ocasião depois de se arrastarem enfermicos por toda a vida, não deveriam desejar ocupar com sua miséria uma grande família. Eu venci a província da Índia, considerava-se justo matar quem viesse a encontrar-se em tal necessidade, noutra província, abandonavam-no, para

<sup>52</sup> Experiencia e triunfo do coração a pers. por João G. Versi, V. 221

que se salvasse como pudesse. A quantos não se tornam eles, afinal, molestos e insupportáveis? Os deveres comuns não chegaram a tanta fúria quanto os meus. Fúria que me levou a encarcerar a crueldade a nossos melhores amigos, empedindo mulher e filhos pelo longo tempo que passam sem mais sentir e lastimar os nossos males. Os gemidos provocados pela minha cólica não comovem mais ninguém. E se porventura nos dava algum prazer com eles conversar, o que nem sempre acontece, visto que a disparidade das condições costuma produzir desprezo ou inveja para alguma das partes, não seria demais abusar disso por tempo ilimitado? Quanto mais os visse sinceramente constrangidos por mim, mais eu lamentaria a dor que sentissem. É mister que nos apertemos, e não que nos deixemos pesadamente sobre os outros, escurando nos em sua ruína. Como aquele que mandava degolar criancinhas para, tomando o sangue delas, curar-se de doença sua. Ou aquele outro, a quem forneciam jovens raparigas que aquecessem seus velhos membros à noite e misturassem a doçura de seu hálito ao dele, arco e pesado. Eu escollera de bom grado Veneza para recolher-me em tal condição e debilidade da vida. A decrepitude é qualidade solitária. Sou sociável ao excesso. Por isso me parece razoável subtrair da vista das pessoas a minha importância, de para incubá-la sozinha, e encolher-me e recolher-me em minha carapaça, como as tartarugas. Aprendo a ver os homens sem a eles me agarrar; isso sem um olhar quando o passo é tão combaleante. Essa é a hora de dar as costas às companhias. — Mas, em tão longa viagem, ficareis miseravelmente retido sob uma tolda, onde tudo filtrará. — A maioria das coisas neces-

sãnta tarefa comigo. E, depois, não é possível evitar o destino quando ele resolve nos converter no crucial. Não preciso de nada de extranatural quando estou doente, o que a natureza não puder fazer em mim não quero que uma pilula faça. Assim que começaram minhas febres e as doenças que me prostram, quando ainda estou húido e próximo da saúde, recomendo-me com Deus por meio dos sacerdotes e oficiais cristãos, e com isso me sinto mais leve e aliviado, parecendo-me que assim consigo vencer a doença. De notários e conselheiros preciso menos que de médicos. Os negócios que eu não tiver a certeza com saúde, não espere ninguém que eu acerte na doença. O que eu tiver de fazer para o serviço fúnebre já estará feito: eu não ousaria atrasá-lo um só dia. E, se não houver nada feito, significará que eu a dívida recomendo-me a escolha, pois às vezes é boa escolha nada escolher, ou que eu não quis nada fazer.

Escrevo meu livro para poucos homens e poucos anos. Se fosse matéria duradoura, precisaria recorrer a uma língua mais sólida<sup>11</sup>. Pela variação contínua que a nossa até agora demonstrou, quem pode esperar que sua forma presente ainda seja usada daqui a cinqüenta anos? Ela escreve todos os dias entre nossos dedos, e desde que nasci já mudou pela metade. Dizemos que agora está perfeita. É isso o que cada século diz de sua. Não podendo fixá-la onde está enquanto continuar mudando e deformando-se como tal, cabe aos textos bons e árcis assenti-la, e o crédito dela depen-

51. O livro

derá da sorte de nosso Escarfo Comido, não tento nela inserir vários termos especiais, que tem uso corrente entre os homens de hoje, e que dizem respeito a ciência particular de alguns, que neles ensinam mais que a inteligência comum. Não quero, ao final das contas, como muitas vezes vejo tratar a memória dos que já morreram, que se fique discutindo, ele pensava e vivia assim: queria tais coisas; se tivesse falado pouco antes de morrer, teria dito isto, teria designado aquilo; eu o conheceria melhor que ninguém. Um dentro dos limites do decoro, exporão aqui minhas inclinações e atenções, mas posso fazê-lo com mais liberdade e mais à vontade pessoalmente a quem desere ser informado. Fato é que nestas memórias, olhando-se bem, ver-se-á que eu disse tudo, que indiquei tudo. É que não posso fazer apênto com o dedo.

Verum animo sans hanc vestigio parva sagaci  
Sunt, per quae possis cognoscere caetera tute."

De mim nada deixo por desejar e julvhar. Se mister for que alguém se entretenha, quero que seja de modo verdadeiro e justo. Voltaria até do outro mundo para desmentir quem quer que de mim fizesse imagem diferente do que sou que fosse para honrar-me. Mesmo de quem está vivo, percebo que sempre se fala de modo diferente daquele que é. E, se com grande esforço não tivesse salvaguardado um amigo

55. Estes pequenos indícios são relações aos outros, muitas vezes, e por eles se cria um clima de culto a esta Honra do Livro.

que perde, já tão dilacerado em mil facetas contraditórias.

Para terminar de descrever minhas disposições mais débeis, confesso que, em viagem, não entro em estalagem alguma sem que fique a imaginar se lá me seria possível permanecer a eternida, estando eu doente ou moribundo. Desejo ficar hospedado em lugar bem privado, sem ruídos, que não seja sujo, estufado ou abafado. Próximo lisonjei a morte com essas frívolas circunstâncias, ou, melhor dizendo, próximo livrar-me de qualquer outra ocupação, para que a única coisa que tenha por fazer seja esperá-la, pois ela já me pesaria bastante sem outra sobrecarga. Quero que ela também participe do bem-estar e da comodidade de minha vida, pois é um pedaço grande e importante dela, que espero não desumita o meu passado.

Algumas mortes têm formas mais agradáveis que outras, e assumem diversas qualidades segundo a fantasia de cada um. Entre as naturais, a que provém do enfraquecimento e do derretimento me parece lânguida e doce. Entre as violentas, imagino com mais perturbação cair num precipício que ser esmagado por escombros, um golpe corante de espada que um tiro de arcaibuz; e preferiria tomar a noção de Sócrates a ler-me como Catão. E, ainda que dê na mesma, na minha imaginação há uma diferença como da morte à vida em linear me toma humilha ardente ou num beco de rio remansoso. É assim que, estubamente, nesse medo se atém mais ao meio que ao eteio. É apenas um instante, mas de tal peso que de bom grado daria vários dias de minha vida para passá-lo a meu modo.

É como a fantasia de cada um vê nela maior ou menor agrado, e como cada um pode ter alguma preferência quanto às formas de morrer, tentemos encontrar uma morte mais adiante alguma que seja de todo isenta de desprazer. Seria possível torná-la voluptuosa, como os comensais<sup>50</sup> Antólio e Clisópatra. Aqui não considerarei os esforços produzidos pela filosofia e pela religião, austeros e exemplares. Mas, entre homens não tão importantes, conhecemos se alguns, como Petrónio e Egilino em Roma, empenhados em dar-se a morte, nos quais ela chegou como o sono pela languidez de seus preparativos. Fizeram-na escorregar e deslizar entre a molice de seu passatempo habitual, entre mollices e bons companheiros, nenhuma fase de consolo, nenhuma menção de testamento, nenhuma atetação ambiciosa de imagem, nenhuma discussão sobre sua condição futura, mas sim entre jogos, festas, licenças, entretenimentos comuns e populares, com música e versos de amor. Não poderíamos mais imitar essa resolução com conduta mais decente. E, visto que há mortes boas para saudáveis e boas para sábios, busquemos alguma que seja boa para quem está entre estes dois extremos. Minha imaginação apresenta-me alguma de rosto complacente e, visto que cumpre morrer, até desejável. Os tiranos romanos acreditavam dar a vida ao criminoso a quem concediam a escolha da morte. Mas Terêncio, filósofo tão sensível, modesto e sábio, porventura não foi for-

50. Quem morre juntamente com outro, (co) comensales, explica Valey, forma um "nova associação em que a morte era festejada com banquetes."

endo pela razão a ousar profereir estes versos latinizados por Cícero:

Vitam regi fortuna non sapientia!

Quanto contribui a sorte para facilitar minha vida colocando-me em tal ponto que ela não faz falta nem sobra para ninguém! Essa é uma situação que eu gostaria em qualquer momento de minha existência, mas nessa ocasião, de entronhar meus rivais e entardar bagagem, sinto ainda mais prazer em não dar prazer nem desprazer a ninguém por merecer. Assim, graças a uma arguta compensação, aqueles que podem pretender algum fruto material de minha morte recebem aliás, junto com ela, uma perda material.

A morte muitas vezes nos pesa por pesar aos outros, e nos faz sentir as perdas alheias quase tanto quanto com as nossas, e às vezes mais e unicamente.

Na comodidade que busco nas estalagens, não incluo a pompa e a amplidão, que alias odeio, mas certo asseio singelo, que no mais das vezes se cria entre nos lugares de menos artifício, que a natureza honra com uma graça toda sua. *Non ampliter sed munditer convivim.* "Plus satis quam sumptus."<sup>57</sup>

E depois, só a quem, instado pelos negócios, eu vereda em pleno inverno pelos Gírcios ocote ser sut-

57. O que vive a vida e a sorte, não a sabedoria. Cícero, *Tratado de dignidades*, V, 93.

58. Uma refeição mais simples que abundante. (Poema citado por Nêto, XI, 29.)

59. Mais alegria que luxo. O Cezário Nepos, *Vida de Cícero*, 133.

prevendo em caminho por tal situação extrema. Eu, que no mais das vezes vou por prazer, não me dou tão mal. Se o tempo é feio à direita, tomo a esquerda; se não me sinto bem à cavalo, paro. E, assim fazendo, na verdade não vejo nada que não seja tão agradável e cómodo quanto minha casa. É verdade que acho a superficialidade sempre supérflua, e demonstro embora eu não requirir e na abundância. Porventura deixei algo para trás? Volto: é sempre meu caminho. Não traço linha alguma, reta ou curva. Não encontro porventura aonde vou aquilo que me incômodam? Comos acontece amôde que os julgamentos de outros não se ajustam dos meus, e muitas vezes os descrevi errôneos, não lamento o tempo perdido; fico sabendo que aquilo de que me falaram não existe.

Tenho constituição física adaptável e gosto comum, como homem do mundo que sou. A diversidade de modos de ser entre uma nação e outra só me impressiona pelo prazer da variedade. Cada uso tem sua razão. Sejam os pratos de estanho, de madeira, de terracota, cozidos ou assados, com manteiga ou azeite de nozes ou oliva, quentes ou frios: tudo dá ao mesmo, se bem que, envelhecendo, reprime-me essa generosa faculdade, e seria preciso que a delicadeza e a selecção pusessem fim à misericórdia de meu apetite e porventura me aliviassem o estômago. Sempre que, fora de França, alguém por cortesia me perguntou se eu queria ser servido à francesa, tocou e procurei as mesas mais cheias de estrangeiros.

Fico entorpecido quando vejo franceses enleados na tolice de exasperar-se com costumes contrários aos seus; parece que estão fora de seu elemento quan-

de esta forma de sua aldeia. Orde quer que estejam, ficam presos a seus costumes e abominam os estrangeiros. Se encontram um compatriota na Hungria festejam o acontecimento, e eis que se aliam e se juntam para condemnar quantos costumes bárbaros vejiam. Por que não seriam bárbaros, se não são franceses? E sentem-se ainda mais argutos porque os reconheceram, para deles falar mal. A maioria dos franceses só viaja para poder voltar. Viajam encobertos e encerrados por uma prudência taciturna e incommunicável, defendendo-se do contágio dos ares desconhecidos. O que deles estou dizendo me traz à memória, por coisas semelhantes, aquilo que por vezes percebi em alguns de nossas jovens cortesãs. Só se vêem a gente de sua espécie e nos olham como gente do outro mundo, com desdém ou piedade. Que não lhes consentam as conversações segredosas da corte, e eles serão peixe fora d'água, tão inexperientes e inábeis para nós quanto o somno para eles. Bem se diz que o homem perfeito é o homem feito.

Eu, ao contrário, viajo farto de nossos costumes, não procurando gascões na Sicília (já os teria deixado em casa), mas de preferência gregos e persas, que frequento e considero; é aí que me disponho e me esmero. E digo mais: não me parece ter encontrado costumes que não valham os nossos. Não alinho com certeza, pois nunca me afastei o suficiente para perder de vista os meus cara ventos.

Não obstante, a minoria das companhias fortunas que encontráis pelo caminho causam mais desagrado que prazer: não me apego a elas, muito menos agora, que a velhice me aperta e afasta um tanto dos hábitos

comuns. Vós sois por causa do outro, ou o outro por vossa causa; ambos os inconvenientes são graves, mas o último me parece ainda por 1.º acontecimento raro, porém consolo inestimável, encontrar um homem de bem, de conhecimentos sólidos e costumes conformes aos vossos, que goste de vos seguir. Sentí extrema falta disso em todas as minhas viagens. Mas tal companhia compete escolher e agarrar já em casa. Para mim, nenhum prazer tem gosto sem comunicação. Não me acorrem um único pensamento espontâneo sem que me seja agastado de tê-lo produzido sozinho, não tendo a quem o oferecer. *Si cum hac exceptione detur sapientia, in illam inclusam letam meo amorem reficiam.* O outro sóbriu mais um tom e disse: *Si contigerit in vita sapienti ut, omnium rerum affluentiibus copis, quomvis omnia quae cognoscere digna sunt summo otio secum ipse consideret et contempletur, tamen si solitudo letata sit in huncmodi videri non possit, excedat e rati.* Agrada-me a opinião de Arquitas, de que se desagradaria do próprio céu e de passear por esses grandes e divinos céus estes se não contasse com a presença dum companheiro. Mas ainda é melhor estar só que em companhia tolosa e inepta. Aristóteles gostava de viver como estrangeiro em todos os lugares.

.....

16. Bem se vê a abundância de vida me foi cada uma a condição de guardá-la para mim e de não a proclamar. (Sêneca, *Epistola 24*)

17. Se o homem tivesse conhecido que, na abundância de todas as coisas, ele considerasse e contemplasse em parte no outro tudo e se consagrasse a tudo o que é digno de se considerar e se sua condição fosse tal que não pudesse ser honrada algum, melhor seria não clamar a vida. (Cícero, *De Officiis*, I, 34)

Me si tua meis parentarum diu in vitam  
Aspiciis;<sup>62</sup>

et escolberia passar a vida com o traseiro sobre a sela:

vixit gestibus,  
Qua parte delira hinc tu ignis,  
Qua melius pluviae praevia.

Não haveria passar tempo mais fácil? O que vos foi  
a? Vossa casa não estará porventura em lugar bonito  
e clima salubre, não será suficientemente abastecida e  
mais ampla que o necessário?

A majestade real nela pôde alojar-se mais duma  
vez com toda pompa. Porventura vossa família não  
tem sob sua arondade mais gente do que tem acena  
de si em eminência? Haverá no local motivo para algu-  
ma preocupação extraordinária e indigerível, capaz de  
vos causar uma úlcera?

Quae te nunc exapat et vixit sub pectore laxa?

Onde cuido poder estar sem empecos e transtor-  
nos? *Nequaquam simpliciter fortuna indulget*.<sup>63</sup> Vede,

\*\*\*

62. Se o destino me permitisse, seria a vida segundo meus deses-  
cos. (Virgílio, *Geórgica*, IV, 543.)

63. Fale por ver os lugares onde o sol é torrido e aqueles onde  
abundam nuvens e chuvas. (Cícero, *Orações*, III, II, 54.)

64. Me entaigue resolveu o rei Henrique de Navarra em 1584 e 1587.

65. Que presta ao vazio pelo, traseiramente e vos vage. (Fênix  
em Cícero, *De Senectute*, I.)

66. A vontade nunca concordando sempre por dificuldades. (Quinto  
Cícero, IV, 11.)

pois, que sois o único empeco a vós mesmos, que em todos os lugares vereis vossa própria companhia, e que em todos os lugares vos lamentareis. Porque neste mundo só encontra satisfação as almas brutais ou divinas. Quem não se contenta com tão posta situação, onde se contentara? Para quantos milhares de pessoas a condição que tendes não parecerá a suprema meta? Reformai vos, portanto, pois é isso o que podeis fazer, visto que em relação ao destino so vos cabe ter paciência. *Nulla placida quies est, nisi quam ratio componit.*"

Entendo a razão dessa advertência, e emendo muito bem, mas teria sido mais pertinente que me dissesse apenas isto: recolhei o juízo. Esta resolução está além do bom juízo, é sua obra e sua produção. Assim age o médico que não para de bradar a um pobre doente debilitado: para que se alegre o seu conselho seria um pouco menos inepto se ele dissesse: recolhei a saúde. Quanto a mim, sou apenas um homem comum.

De fato é um preceito salutar, exacto e de fácil entendimento. Contentai vos vult o que tendes, isto é, com o razoável. Sua execução, porém, é tão difícil para os mais prudentes quanto para mim. Trata-se de dito popular, mas tem terrível alcance. O que não alcançará? Em tudo cabe discernimento e modificação. Sei que, tomando-se ao pé da letra, esse prazer de viajar é demonstração de inquietação e insolução. No entran-

67. Não há verdadeira tranquilidade, a não ser a produzida pelo razão, ciência. *Epistola 96.*

to, essas são nossas principais qualidades, e as predominantes. Sim, confesso que não enxergo nada, nem que seja em cogitações e desejos, a que me possa prender, só a variedade e a diversidade me contentam, se é que alguma coisa me contenta. Em viagem satisfaz-me o fato de poder parar sem nada perder, e de poder mudar o rumo a vontade. Gosto da vida privada, porque gosto por opção, e não para me opor a vida pública, que talvez também se conforme a meu modo de ser. Sirvo com mais alegria ao meu príncipe porquanto essa é livre escolha de meu juízo e de minha razão, sem obrigação particular, e porque a isso não sou relegado nem constrangido por inevitável e malquisto em qualquer outro partido. O mesmo quanto ao resto. Odeio os focados que a necessidade de corte para mim. Qualquer comodidade de que fosse obrigado a depender ficaria emulada em minha garganta:

Alter renus aquas, alter mihi talia anans

Uma corda só nunca me segura o suficiente - O que há é vaidade - dizeis, nesse divertimento. E onde não há? E esses belos preceitos vaidade são, e é vaidade toda a sabedoria.

*Domínus novit cogitationes sapientiarum quoniam carnis sunt!*

65. Que os pensamentos são carnais e vãos: an. 28. 1. Provérbios, II, 31. 23.

66. O Senhor sabe que os pensamentos dos sábios não passam de vaidade. - *Salmos* XCIII, II, e *Questões do C. S. Offic.* I, III, 40.

Essas mílis argúcias ajustam-se apenas ao púlpito, são discursos que nos querem enviar bem domesticados para o outro mundo. A vida é um movimento material e físico, ação imperfeita e sem regras de sua própria essência, empenhada em ser vida como ela é.

*Quisque suos patimur manes,*<sup>70</sup>

*Sic est faciendum ut contra naturam universam  
nihil contendamus, ea tamen conservata, propriam  
sequamur*<sup>71</sup>.

De que servem esses elevados eufemismos da filosofia sobre os quais nenhum ser humano pode assentar-se e essas regras que excedem nossos usos e nossa força? Vejo que amide nos são propostas imagens de vida que nem o proponente nem o ouvinte têm qualquer esperança ou, o que é mais grave, vontade de observar. Do mesmo papel orde acaba de escrever a sentença de condenação de um adúltero, o juiz tira um pedacinho para mandar uma mensagem autorosa à mulher do amigo. Aquela mesma a quem porventura adubásseis de vos rogar ilicitamente, gritaria mais que Pírcia, até mesmo em vossa presença, se presenciásse faltar semelhante numa companhia. E há aquele que condena homens a morrer por crimes que ele mesmo não tem por faltas. Em muita juventude vi um homem galante apresentar ao povo, com uma das

70. . . . .

70. Cada um de nós tem o seu adorno. *Urbano, Diálogo VI* (19).

71. Devemos agir de tudo o que não contém nas leis universais do patriarcal mas, uma vez observadas, devemos seguir a nossa própria natureza. *Urbano, De Officiis* (1, 31).

mãos, versos excelentes em beleza e dissolução, e com a outra, no mesmo instante, a mais violenta reforma teológica com que o mundo já se tenha repastado.

São assim os homens. Deixamos que as leis e os preceitos sigam seu caminho; nós ficamos em outro não apenas por devassidão, mas também por opinião e por julgamento contrário. E, se ouvís a leitura dum discurso de filosofia, sua invenção, eloquência e pertinência impressionam incómodamente vosso espírito e vos comovem; nele nada há que lisonjeie ou insulte vossa consciência; não é a ela que estão falando, não é verdade? Assim, diz, Aristón que uma escola e um ensinamento não têm utilidade alguma se não limpam e purificam.

Podemos deter-nos na casa, mas só depois de retirar o miolo, assim como só depois de engolirmos um bom vinho numa bela taça é que nos pontos a considerar suas gravuras e seu lavor.

Em todas as escolas da filosofia antiga vemos que um mesmo orador publica regras de temperança e ao mesmo tempo escritos de amor e devassidão. E Xenofonte, no regaço de Clímas, escreveu contra a voluptuosidade de Aristipo. Não é que ondas de conversão mudassem os transformem de tempos em tempos, mas é que Sólon se nos aparece ora como ele mesmo, ora na forma de legislador, ora a falar para a multidão, ora por si e para si todas as regras livres e naturais, logrando saúde firme e íntegra.

*Quemque dubit medicis majoribus agat*<sup>72</sup>

<sup>72</sup> Que os doentes mais graves sejam tratados por grandes médicos (Juvenal, *Sat.*, 1211)

Para Aristóteles, o sábio pode amar e fazer a seu modo tudo o que achar oportuno, sem se ater às leis, porquanto tem mais firme e mais conhecimento da virtude do que elas. Seu discípulo Diógenes dizia: opor a razão às conturbações, a confiança à sorte, a natureza às leis.

Para os estômagos delicados, é preciso prescrever disciplina e remédios. Os bons estômagos observam simplesmente as prescrições de seu apetite natural. Assim fazem nossos médicos, que comem melão e bebem vinho novo enquanto obrigam o paciente a tomar sempre e caldo de miolo de pão.

Não sei que livros escreveram – dizia a cortesã Laïs –, qual é sua sapiência e sua filosofia, mas esses homens vêm bater a minha porta com a mesma freqüência que os outros. Uma vez que possa licenciar sempre, nos leva para além daquilo que nos é lícito e permitido, muitas vezes os preceitos e as leis de nossa vida foram muito mais estreitados do que os limites da razão universal.

*Memò suis credit tantum delinquere quantum  
Permittit.*<sup>3</sup>

Seria de se desejar que houvesse mais proporção entre mandamentos e obediência, e parece injusto todo alvo que não possa ser atingido. Não há homem de bem que submeta ao exame das leis todas as suas ações e seus pensamentos, havendo mesmo quem

3. Ninguém acha que delinqua mais do que é permitido (Juvenal, XV, 263).

seja passível de condenação a força dez vezes na vida, mas que seria lamentável e injusto punir e perder

Olle, quid ad te  
De coto quid facit ille vel filius?

E poderia haver até quem não ofendesse as leis, mas que nem por isso merecesse ser louvado como homem virtuoso, e a quem a filosofia com justiça daria vergastadas. Tanto essa relação é obscura e desigual. Não temos a menor intenção de ser gente de bem se guardo as leis de Deus, não o somos nem seguindo as nossas. A sabedoria humana nunca chegou aos deuses que prescrevem para si mesma e, se tivesse chegado, prescreveria outros além, pôndo-os onde sempre a eles aspirasse ou pretendesse, tanto nossa condição é inimiga da consistência. O homem dispõe para si o estar necessariamente em falta. Não há nenhuma perspicácia em tallar as próprias obrigações pela tize de outro ser. E para quem estará prescrevendo quem prescreve sem esperar que alguém cumpra? Será injusto deixar de fazer o que é impossível fazer?

As leis que nos condenam a não poder são as mesmas que nos culpam por não termos podido. No pior dos casos essa monstruosa liberdade de apresentarse por dois lados, um das acções, outro dos discursos, é feita aquelles que falam das coisas, mas não pode ser feita aquelles que falam de si, como estou fazendo: preciso conduzir-me pela pluma como me

\*+ Olle, que te rapto, e que aquello ou aquella fazem de sua própria peça. *Marcell*, VII, IX, 10.

concluzi por meus pés. A vida do homem comum deve comparar-se a outras vidas. A virtude de Catião tinha um vigor que superava as medidas de seu século, e dum homem que se aventurava a governar os outros, devotado ao serviço comum, poder-se-ia dizer que a sua justiça, se não injusta, era pelo menos vã e fora de tempo. Meus próprios costumes, que não chegam a distar uma polegada dos costumes correntes, nascido assim me tornam de certo modo inútil e insociável para o meu século. Não sei se me desgostei sem razão com o mundo em que vivo, mas sei bem que não teria razão se me queixasse de ele se desgostar comigo tanto quanto eu com ele.

A virtude prescrita para as coisas do mundo é uma virtude cheia de pregas, dobras e curvas, para adaptar-se e unir-se à fraqueza humana, confusa e artificial, e não reto, nítida, constante, nem pura e inocente. Os atais reprovam até hoje um de nossos reis por ter se deixado levar com demasiada simplicidade pelas conscienciosas persuações de seu confessor. Os negociantes de Estado têm preceitos mais curtos:

exat, nuda  
 Quæ vult esse pius.<sup>7</sup>

Outra tentativa pôr a serviço dos negócios públicos opiniões e normas de vida tão rudes, novas, impolidas ou impolitas quanto tinham sido por mim concebidas ou em minha educação aprendidas, normas que utilizei,

<sup>7</sup> Deixe a com: aquele que deseja ser honesto. (Lacano, VIII, 4)

se não comodamente, pelo menos com segurança na vida privada, uma virtude escolástica e cínica. Adições ineptas e perigosas para o caso. Quem anda em meio a multidão precisa mudar de rumo, cerrar-se os cotovelos, recuar ou avançar; às vezes até sair do caminho reto, seguindo aquilo com que tope; precisa viver não tanto seguindo de mesmo quanto seguindo os outros, não seguindo o que ele se propõe mas seguindo o que lhe propõem, de acordo com o tempo, de acordo com os homeris, de acordo com os negócios.

Placido diz que é por milagre que alguém sai com as bragas limpas do manço do mundo. E diz também que, quando põe um filósofo como governante, não está pensando numa sociedade corrompida como a de Atenas; muito menos como a nossa, com a qual a própria sabedoria estaria a perder o seu latim. Assim como é mais fácil a erva transplantada para chão muito diferente do de sua condição conformar-se a ele em vez de mudá-lo em seu favor, sinto que, se tivesse de entregar-me totalmente a tais ocupações, precisaria de muita mudança e reparo. E, mesmo que tivesse esse poder sobre mim (e por que não o teria, com tempo e cuidado?), não o desejaria. Com o pouco que tentei em tal cargo desgostei-me o suficiente. Sinto por vezes atear-se na alma alguma tentação ambiciosa; mas me erijo e obstino em contrário:

At tu, Catulle, obstinatus obdura?

76. E tu, Catulle, perseveras obstinadamente. (Cato 2, VIII, 191)

Quase não me chamam, e eu pouco compareço. A liberdade e a ociosidade, que são minhas principais qualidades, são qualidades diametralmente contrárias a esse *métier*<sup>2</sup>. Não sabemos distinguir as faculdades dos homens: elas têm divisões e limites delicados e de difícil escolha. Concluir pela suficiência na vida pública a partir da suficiência na vida privada é concluir mal: há quem se conduza bem mas não conduza bem os outros e há muitos quem não saiba produzir efeitos; há quem ame bem um cerco mas armaria mal uma batalha e discorre bem privatamente quem discursaria mal para um povo ou um príncipe. Talvez o mais comum seja ver-se que quem é capaz duma coisa não é da outra, e não o contrário. Acho que os espíritos elevados são em pouco aptos para as coisas baixas quanto os espíritos baixos para as elevadas.

É de se acreditar que Sócrates pudesse dar aos atenienses motivo de riso por nunca ter sido capaz de contar os sulmúgios de sua tribo e fazer um relatório ao conselho? Certo está que, venerando em tanto as perfeições desse homem, é legítimo que sua sorte propicie um magnífico exemplo para excusar minhas principais imperfeições.

Nossa suficiência reparte-se em pedaços miúdos. A minha não tem largueza e é escassa em número. Saturnino disse aos que lhe haviam outorgado o comando total: Companheiros, perdestes um bom capitão para dele fazerdes um mau general. Quem se gaba,

\*\*\*

<sup>2</sup> *Métier* comunemente não é utilizado em português examinando com o mesmo sentido do francês (N. S. B. T.).

em tempos inelutáveis como estes, de empregar a seu favor da sociedade uma virtude ingénua e sincera, ou não a conhece, visto que as opiniões se corrompem com os costumes (se não, ouvi como a pintura, ouve como a maioria se vangloria de seus costumes dissolutos e cria suas próprias regras: em vez de pintarem a virtude, pintam a injustiça pura e o vício, apresentando-a assim falsa a educação dos príncipes), ou se a conhece, gaba-se deslealmente, e, diga o que disser, faz mil coisas de que sua consciência o acusa. Em acreditar de bom grado em Sêneca no que se refere à experiência que teve em semelhante ocasião, desde que ele falasse de coração aberto. A mais honrosa marca de bondade em tais condições é reconhecer livremente o próprio erro e o alheio, respaldar e retardar com todas as forças a inclinação para o mal, trilhar esse pendulo ao revés, esperar e desear coisas melhores. Percebo nesses desmembramentos e nessas divisoões que em França nos atinge que todos trabalham na defesa de sua própria causa, mas até os melhores com dissimulação e mentira. Quem sobre isso escrevesse abundantemente estaria escrevendo de maneira temerária e repreensível. Por mais justa que seja uma facção, ainda é membro dum corpo carcomido e bichado. Mas de tal corpo o membro menos doente é tudo por saído, e com justiça, porquanto essas qualidades só são distinguidas por comparação.

A candura civil é medida segundo os lugares e os tempos. Costava de ver em Xenofonte um laivo do seguinte feito de Agesilau: diante da solitação de um príncipe vizinho, com o qual já estivera em guerra, de que o deixasse passar por suas terras, ele afirmou, per-

minuindo-lhe a passagem através do Peloponeso; e não só não o aprisionou nem envenenou, mantendo-o à sua mercê, como também o acolheu cortesmente, sem que este sofresse nenhum agravo. Sobre esse tipo de conduta nada se diria em outros lugares e em outros tempos, farto caso da franqueza e da magnanimidade de uma tal ação. Aos felizes breves de hoje serviria de motivo de zombaria, tão pouco a modéstia espanhola inspira os costumes franceses.

Não deixamos de ter homens entusiasmados, mas segundo nossos conceitos. Quem se guia por princípios superiores aos do seu século deverá ter e emborastar normas não — o que é preferível — que se ponha a salvo e não se misture conosco. O que ganharia com isso?

*Pygægium sanctumque virum si cerno, bizantini  
Hoc micatum poete, et amati jam sub anatro  
Piscibus inventis, et foeta, comparo multa.*<sup>1</sup>

Podemos sentir saudade dos tempos melhores, mas não podemos fugir aos de hoje; podemos desejar outros magistrados, mas temos de obedecer a estes. E talvez haja mais mérito em obedecer aos maus que aos bons. Enquanto luzir em algum rincão a imagem das antigas e acatadas leis desta monarquia, aqui estarei eu. Mas se por inteligência elas vierem a contradi-

<sup>1</sup> Se não for um homem eminentemente integro, comparo este micamste a uma criança de duas cabeças, ou a peixes que recentemente fossem encontrados sob uma clareira, ou a uma mala preta. (Juvenal, III, 61.)

zer-se e desmentir-se, produzindo duas facções entre as quais a escolha seja duvidosa e difícil, minha escolha será a de escapar e fugir-me a tal tormento; entretanto a natureza poderá estender-me sua mão, ou então os imprevistos da guerra.

Entre César e Pompeu ter-me-ia declarado com franqueza. Mas entre os três ladrões<sup>78</sup> que vieram depois, ou caberia mais esconder-se, ou seguir o vento, o que me parece liefo, quando a razão não nos guia.

Quo diversus alius?

Esta digressão está um pouco fora de meu tema. Desgarro-me, mas por licença que por desatenção. Minhas fantasias se perseguem, mas às vezes de longe e se enxergam, mas de esguelha. Passei os olhos por um filósofo<sup>79</sup> de Platão, que é partido ao meio por uma fantástica disparidade: a parte da frente para o amor e toda a parte de baixo para a retórica. Eles não temem essa variação e com maravilhosa graça deixam-se assim levar pelos ventos, ou assemelham-se. Os nomes de meus capítulos nem sempre abarcam a matéria de que tratam; aliunde a denotam apenas por alguma marca, como estes: *Ándria*, o *Eunuco*<sup>80</sup>, ou estes outros nomes: *Silla*, *Cícero*, *Torquato*. Aprecio o andamento poético, com saltos e cabriolas. Como diz Platão, é uma arte leve, volúvel, demoníaca. *Plutarchon*

<sup>78</sup> Aníbal, Cláudio e Lepido.

<sup>79</sup> Acende mais esses desgarrados (Vergil, *Geórgica*, V, 116.)

<sup>80</sup> *Sedro*.

<sup>81</sup> *Títulos de Terência*.

tem obras em que esquece o tema, em que a expressão do argumento só se encontra incidentalmente, abafada por matéria estranha, vede como procede em *Domínio de Sócrates*. O Deus, como são belas essas escapadas brilhantes e toda essa variedade, e mais ainda quando passam para o negligente e o fortuito. É o leitor indolente que perde de vista o tema, não ele, em algum canto, sobre ele sempre se encontrará alguma palavra que não deixará de ser suficiente, ainda que lacônica. Vão malandão, com inconsistência e desordem. Meu estilo e meu espírito também vão assim vagabundando. Precisar-se de um pouco de lâmpara quem não quiser mais estupidez, dizem os preceitos de nossos mestres e ainda mais os seus exemplos. Mil poemas amastam-se e linguagem num modo prosaico, mas a melhor prosa antiga, que por aqui senão indiferentemente como versos, resplandece com o vigor e a alicia da poesia, e traz em si os ares do seu furor. Cabe-nos outorgar-lhe o domínio e a preeminência no falar.

É a língua original dos deuses. O poeta, diz Platão, assentado no tripe das musas, despeja com impeto tudo o que lhe vem à boca, como a gárgula dum fonte, sem ruminar nem pensar, escapando-lhe coisas de cores diversas, substância contraditória e fluxo contínuo. O próprio Platão é bem poético, e dizem os sábios que a velha teologia é poesia, e é a primeira filosofia. Entendo que a maneira tratada se distingue por si mesma. Mostra o suficiente onde nada, onde se conclui, onde começa, onde é retomada, sem o embaraço de palavras, ligações e costuras intoduzidas para atender a olvidos fácos ou desfevados, e sem

que precise glossar-me a mim mesmo. Quem não prefere deixar de ser lido a que o leiam domando ou correndo? *Nihil est tam utile, quod in transitu perit*<sup>2</sup>. Se ter livros nas mãos fosse o mesmo que tê-los na mente, e se vê-los fosse o mesmo que olhá-los, e se tocá-los fosse o mesmo que entendê-los, eu estaria errado em dizer que sou tão ignorante quanto digo que sou.

E, se não posso prender a atenção do leitor pelo peso, menos mal se acontecer que a prenda pela nárrua embolhada. Vão ver como se arrependem depois de tanto se divertir. — Pode ser, mas pelo menos se terá divertido. Ademais, há pessoas de tal feitio que desejam a clara compreensão, que me terão em melhor conta quanto menos entenderem o que digo: concluirão pela profundidade do que penso graças à obscuridade, que, a bem da verdade, detesto com todas as minhas forças, e evitaria se tanto soubesse. Aristoteles se pedia em algum lugar de afetá-la; reprovável afetação.

Como a divisão tão freqüente dos capítulos, a que recorra no princípio, pareceu-me desviar e dissolver a atenção antes mesmo de desportá-la, desdorchando ela em tão pouco repousar e recolher-se; comecei a fazê-los mais longos, o que exige propósito e dedicação de tempo. Quem não quiser dar uma hora sequer a tal ocupação, é porque nada quer dar. E não está fazendo nada por ninguém aquele que só faz algo fazendo outra coisa.

<sup>2</sup> Nada é tão útil que se vá a quem passa correndo (Sêneca, *Epistola 2*.)

<sup>3</sup> Foi lido o original, *manus mafe* (B. de B. T.).

Junte-se a isso que eu talvez tenha alguma obrigação particular de só dizer as coisas pela metade, de dizê-las confusamente, de dizê-las com discrição.

Devo dizer que não gosto da razão desmancha-prazeres, nem dos projetos extravagantes que dificultam a vida e das opiniões esmeradas, que contêm alguma verdade, pois esta me parece árdua e trabalhosa. Pelo contrário, empenho-me em fazer valer a própria verdade e a asnice se me dá prazer, e deixo-me levar por muitas inclinações naturais sem as vigiar de tão perto.

Vêm outros lugares as casas, estatuas, e céu e terra em ruínas: são sempre os homens. Tudo isso é verdade: por isso não deixo de rever sempre o que resta de cidade tão grande e poderosa sem que a admire e reverencie. Cabe-nos cultivar os mortos. Ora, desde a infância sou com eles amentado: fiquei conhecendo os assuntos de Roma antes dos de minha casa, conheci a Caprólia e sua planta antes de conhecer o Louvre, e o Tibre antes do Sena. Ficaram em minha mente mais as condições e a sorte de Lúculo, Metelo e Cípio do que as de alguns dos nossos. Eles estão mortos, Assim também meu pai, e tanto quanto eles, pois está afastado de mim e da vida há dezoito anos tanto quanto eles o estão há mil e seiscentas, no entanto, não deixo de reverenciar a memória de meu pai e de praticar seus preceitos de amizade e sociedade, em perfeita e viva união.

É meu costume ser mais diligente para com os mortos, que não se defendem mais: parece-me que por isso mesmo precisam muito mais de minha ajuda. É aí justamente que a gratidão se mostra em todo

o seu esplendor. O benefício é meros notório quando ha retrogradação e reflexão. Arcesilau, ao visitar Cezário que estava doente, vendo-o em estado de pobreza, pôs-lhe sob a cabeceira da cama, hua quantia de dinheiro em doação, e, escondendo-lhe o ato, desobrigava-o de mostrar-se grato. Aquelles que de mim mereceram amizade e reconhecimento nunca os perderam por terem deixado de existir: paguem-lhes mais e com mais attenção por estarem ausentes e desconhecere-m meus atos. Falo com mais adição de meus amigos quando elles não têm meios de saber o que eu disse.

Oni, travei em batalhas pela defesa de Pompeu e em favor de Bruto. Essa intimidade ainda perdura entre nós, as próprias coisas presentes só se fazem presentes pela nossa fantasia. Achando-me inútil a este século, relego-me ao outro, e fico tão alheado que me sinto cativado e apaixonado pelo mundo como era aquella antiga Roma livre, justa e florescente (pous não me agredam nem seu nascimento nem sua velhice). Pelo que, por mais acatado que seja os leitos de suas mas, as fundações de seus edificios e aquellas ruínas tão profundas que chegam aos antipodas, nunca deixo de ficar enlevado. Seria por natureza ou por illusão da fantasia que a vista dos lugares que sabemos terem sido frequentados e habitados por pessoas cuja memoria reverenciamos nos contove mais do que ao ouvirmos a narrativa dos seus feitos ou ao lermos seus escritos?

84. *Opus, De Probis*, V, 1. 10. 12

*Tanta vis admonitionis inest in locis: Et id quidem in hac urbe infirmitatem quamvis etiam ingredimur, tu aliquamvis historiam vestigium ponimus.*<sup>84</sup> Comprez-me imaginai lhes os rostros, o porte e os rejes, tendo entre os dentes aquelles grandes nomes e deixo-os retirar aos meus ouvidos. *Ego illos veneror et titulis nominatibus semper assurgo.*<sup>85</sup> Das coisas que em alguma parte são grandes e admiráveis, admiro mesmo as partes que são comuns. Quisera vê-los a conversar, passear e sair! Sem ingratiidão desprezar as reliquias e as imagens de tantos homens profbos e valorosos, que vi viver e morrer, e que tão boas lições nos dariam por meio de seus exempllos, se pelo menos os scubéssemos seguir.

Ademais, essa mesma Roma que agora venho merecer nossô amor, Roma há tanto tempo e por tantos motivos aliada de nossa coroa: única cidade comum e universal. O magistrado soberano que nela tem o comando é reconhecido igualmente em outros lugares: é a cidade metropolitana de todas as nações cristãs: hi, espanholos, francezes, todos estão em casa. Para ser príncipe naquele Estado basta pertencer á cristandade, seja de onde for. Não há por aquellas plagas lugar que o céu tenha abraçado com tal influxo de favor e constância. Sua própria ruina é gloriosa e pomposa.

84. É razão grande o poder de evocação existente nestes lugares, e nesta cidade de é infinte em qualq. lugar que entrarmos, estãmo passando sobre Lisbôa. (Cicero, *De Senectute*, VI, 1.)

85. Venero: essas grandes honras e louvores sempre que ouço seus nomes. (Sêneca, *Epistola 67*.)

Laudandis peccatoribus magis.<sup>86</sup>

Mesmo no título, conserva marca e imagem de império. *U palam sit tunc in loco gaudentis opus esse naturae?*<sup>87</sup> Algumas pessoas se condenaram e se instigaram contra si mesmas por sentirem esse vão deleite. As disposições de nossa alma não serão vãs se nos derem prazer, sejam elas quais forem, se deitem motivo constante de contentamento para um homem capaz de senso comum, não seria eu a lástima-lo.

Devo muito à sorte por até agora não me ter insulado, ao menos não além de minhas forças. Não seria esse seu modo de deixar em paz aqueles que não a infortunam?<sup>88</sup>

Quanto quisque sibi plura negaverit,  
A Diis plura feret. Nil cupientium  
Nudus castra peto...  
Multa petentibus  
Desunt multa

Se ela assim continuar, partirei daquele conteúdo e satisfeito.

<sup>86</sup> Mais preciso por sua curvatura raras, Psidónio Apolinaro *Carões*, XXII, 123.

<sup>87</sup> Era claro que neste lugar irregular da natureza, aquilo lou se com sanção Plínio, *História natural*, II, 53.

<sup>88</sup> Quanto mais coisas tentarmos, mais nos sent daído pelos deuses. Apesar de peirar calor no campo daqueles que nada desepou. A quem muito pede no trabalho. Flávio Gales III, XI, 213.

o lúil sumra  
 (Xos laresca)

Mis cuidado con o embaite. Millores há que nau-  
 tragam no porto. Não sinto muito pesar pelo que  
 acontece aquí quando eu não mais estiver: as coisas  
 presentes já me ocupam bastante.

*Fortuna esteteri mander*.

Tampouco estou atado pelos fortes laços que di-  
 zem ligar os homens no futuro através dos filhos nos  
 quais estão depositados seu nome e sua honra: na si-  
 tuação presente desejo tê-los ainda vivos, se é que  
 são desejáveis. Já estou por demais apegado ao miu-  
 do e à vida por mim mesmo.

Já acho bastante estar nas mãos do destino pelas  
 circunstâncias propriamente necessárias a meu ser, sem  
 dilatar ainda mais sua jurisdição sobre mim, e nunca  
 acho que não ter filhos fosse um defeito que tornasse  
 a vida menos completa e feliz. A esterilidade também  
 tem suas vantagens. Os filhos estão entre aquelas cou-  
 sas que não têm motivos fortes para serem desejadas,  
 sobretudo nesta hora, em que seria tão difícil torná-los  
 bons. *Beata pum nec tuis i licet ita corrupta sunt semi-  
 na* — e que dão justas razões de sofrimento a quem as  
 perde depois de as ter adquirida.

.....

89. Nada mais pedivi aos deuses. (Ibid. II, XVIII, 1.)

90. O resto deixa por conta do destino. (Cícero, *Montepioses*, II, 140.)

91. Nada pode nascer de quem, no catagalis estão as sementes. (Cícero, *Montepioses*.)

Aquela que me legou os encargos de minha casa prognosticava que eu a arruinaria, considerando minhas disposições tão pouco caseiras. Enganou-se: nela estou como nela entrei, se não um pouco melhor, porquanto sem obrigações ainda que sem benefícios.

Não obstante, se a sorte nunca me ofendeu de modo violento e extraordinário, tampouco me agraciou. Todas as dadivas que dela recebemos datam de mais de cem annos antes de meu nascimento. Não conto nenhum bem essencial e sólido que se deva à sua liberalidade. Fez-me ela alguns favores ventrosos, honras e títulos sem substância; e na verdade não nos concedeu, e sem offerecer. Deus bem sabe! A mim, que sou de todo material, que só me satisfizo com a realidade, e que seja bem maieira, a mim que, se ousasse confessar, diria que não acho a avareza muito menos desculpável que a ambição, nem a dor menos evitável que a vergonha, nem a saúde menos desejável que o saber, ou a riqueza menos desejável que a nobreza.

Entre seus vãos favores, não vejo nenhum outro que agrade tanto a este rolo humor que em mim se nutre quanto uma autêntica bula que de mim fez cidadão romano e que me foi outorgada da última vez em que li estive, pomposa em selos e letras douradas e concedida com total e graciosa liberalidade. E como ellas são concedidas em estilo diferente, que pode ser mais ou menos favorável, e como, antes de vê-la, teria ficado muito grato se me tivessem mostrado em domatório, quero aqui, para satisfazer a alguém que porventura tenha uma curiosidade tão doentia quanto a minha, transcrevê-la em todos os seus termos:

QUOD HORATIUS MAXIMUS, MARTIUS CECILIUS, ALEXANDER MUTILUS, ALMAE URBS CONSERVATORRES, DE ILLUSTRISSIMO VIRO MICHAELI MONTANO, EQVITTE SANCTI MICHAELIS ET A CURICULO REGIS CHRISTIANISSIMI, ROMANA CIVITATE DONANDO, AD SENATUM RETVLERUNT, S P Q R, DE FARE ITA FIERI CENSITTE:

*Qui cetera more et instituta cupido illi semper studereque suscepti sunt, qui, virtute ac nobilitate praevalescentes, magno Reip. nostrae usui atque ornamento fuissent vel esse aliquanto possent. Nos, maiorem nostrorum exemplo atque auctoritate permoti, praeclearam hanc Consuetudinem nobis imitandam ac servandam fore censentes. Quamobrem, cum Illustrissimus Michael Montanus, Eques sancti Michaelis et a Curiculo Regis Christianissimi, Romani nominis studiosissimus, et familiae laetitia atque splendore et propriis virtutum meritis dignissimus sit, qui summo Senatui Populiq. Romani iudicio ac studio in Romanam Civitatem adsciscatur placere Senatui P. Q. R. Illustrissimum Michaeli Montanum, rebus omnibus ornativissimum adhibere inchoo populo charissimum, quam paucissime in Romanam Civitatem adscribi tantisque omnibus et precibus et honoribus quibus illi fruuntur qui Cives Patritii que Romani nati aut iure optimo facti sunt, in quo censere Senatui P. Q. R. se montanum illi ius Civitatis largiri quam debitum tribuere, neque magis beneficium duritiam ab ipso accipere qui, hoc Civitatis munere accipiendi singularem Civitatem ipsam ornamento atque honore affecerit. Quam quidem S. C. auctoritatem idem Conservatores per Senatui P. Q. R. scribis in acta referri atque in Capitolii curia servari, privilegiumque huius-*

*quod fieri, solitoque vobis sigillo communiti curarunt.*  
*Anno ab urbe condita CXC.CCXXI post Christum*  
*natum M.D.LXX. III. Idus Martii.*

*HORATIUS FUSCUS, sacri S.P.Q.R. scriba*

*VINCEN. MARTHOIUS, sacri S.P.Q.R. scriba*

Não sendo cidadão de cidade alguma, tenho o prazer de sê-lo da mais nobre que já existiu e existirá. Se os outros se offussem alternamente, como me offuscar se iam como me vejo, cheios de inaniidade e necessidade. Do que não me posso de fazer sem que me desfaça de mim mesmo. Soues todos assua feitos, tanto uns quanto outros, mas os que se apercebem têm um pouco mais de vantagem, quem sabe.

A gratidão e o costume de se estar sempre a olhar para outros, e não para nos mesmos, atende muito bem ás nossas necessidades: trata-se de objecto que só

.....  
92. Com base no relatório lido no Senado por Orazio Massimo Marzio Cecchi, Alessandro Marti, conservadores da cidade de Roma, sobre a concessão do direito de cidadania romana ao Ilustíssimo Michel de Montaigne, ao tempo da corte de São Miguel e Gerilhonem da Câmara do Cristianíssimo Rei, o Senado e a forma nuncias do relatório.

Considerando que, por antigo uso sempre foram adorados entre nos exaltados e diligencia aqueles que, distinguindo-se em virtudes e nobreza, tenham servido, e honrado nossa república em o possiam fazer por dia. Nos, cheios de respeito pelo exemplo e pela autoridade de nossos ancestrais, acreditamos dever imitar e conservar esse virtuel costume. Foi visto disse, sendo o Ilustíssimo Michel de Montaigne, Cavaleiro, da Ordem de São Miguel e General honrem da Câmara do Cristianíssimo Rei, diligentíssimo para com o nome romano, e sendo, pela honra e esplendor de sua família, e por suas qualidades pessoais, not digno de ser admitido ao direito de cidadania romana, pelo supremo julgamento e salúgio do Senado e do Povo Romano, aprouve ao Senado e ao Povo Romano que o Ilustíssimo

nos dá descontentamento, pois ao olharmos só vemos miséria e vaidade. Para não nos deixar aflitos, a natureza fez bem em restringir ao larco de fora a nossa acção de enxergar. Vámos para a frente quando a correnteza nos leva, mas trilhar nosso caminho ao contrário, em nossa direcção, é movimento penoso. O mar assim se perturba e confunde quando é compelido contra si mesmo. Olhai dizem, os movimentos do céu, olhai o público, os íngigos deste, o pulso daquele, o testamento daquele outro; olhai para cima e para baixo, para os lados, para a frente, para trás. Era paradoxal o mandamento daquele antigo deus em Delfos: Olha para dentro de ti, conhece-te, volve-te para ti mesmo, desvolve para si mesmos o teu espirito e a tua vontade que se consomem ahiures; vê que te escostas e dissipas;

.....

Michel de Montaigne tomade de todos os méritos e carismas a este nobre povo, sepultando como cidadão romano, feito por ele quanto por sua posteridade e comidade a goza de todas as honras e vantagens reservadas a quantos nasceram cidadãos e patricios de Roma ou assim se tornaram por excelentes serviços. Pelo que o Senado e o Povo Romano pensam que o direito de cidadania concedido ao supradito Montaigne é menos uma concessão e mais o resgate duma dívida, e que é antes o serviço que lhe prestam do que aquele que dele recebem, quando este aceita o direito de cidadania honrando e glorificando esta cidade. Decisão que se conservações háram reser- var em forma de ata pelas secretarias do Senado e do Povo Romano que sera conservada nos arquivos do Capitólio, aprende-se sobre dito Privilégio o selo comum da cidade. Ano 2551 da fundação de Roma e ano 1581 do nascimento de Cristo, dia 13 de março.

Orazio Fozzo

Secretário do sagrado Senado e Povo Romano

Vincente Marchi

Secretário do sagrado Senado e Povo Romano.

acalme-te em ti mesmo, arrima-te em ti mesmo; estás sendo traído, dissipado, funado a ti mesmo. Não vês que este mundo mantém-se com as vistas obrigatoriamente voltadas para dentro, com os olhos abertos para a autocontemplação? Tudo é vão para ti, dentro e fora, mas a vaidade é menor quando menos extensa. E dizia aquele deus: com exceção de ti, homem, cada coisa estuda-se a si mesma em primeiro lugar e tem, segundo sua necessidade, limites para seus trabalhos e desejos. Não há uma única coisa tão vazia e quente quanto tu, que abraças o universo es o escrutador sem conhecimento, o magistrado sem jurisdição e, ao final, o bobo da farsa.

ISBN 85-336-0952-3



9 788533 609525

BSP

LIV



012649